

Ademar Weber

Uma história de lutas e conquistas

1^a edição

**Florianópolis, 2014
Letra Editorial Ltda**

Corretora Ortográfica: Mari Bortolanza Spessatto

Designer Instrucional: Cátia Weber

Impressão e diagramação: Open Brasil Graf

W382 Weber, Ademar.

Uma história de lutas e conquistas / Ademar Weber. – 1. ed. –
Florianópolis : Letra Editorial, 2014.
180 p.

ISBN 978-85-64747-03-6

1. Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis
(SEEF) – história. I. Título.

CDD : 341.64

*Dedico este livro aos trabalhadores em edifícios, pois foi caminhando com
você que me tornei quem sou hoje.*

Sumário

Apresentação	7
PARTE I – Os primeiros passos	11
A fundação do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis (SEEF)	16
Os primeiros dias do SEEF	23
Conquistas para os trabalhadores da base	26
PARTE II – Um sindicato participativo	41
Filiação à FECESC, CONTRACS e à CUT	41
Nas atividades da CUT	44
Envolvimento político e social	48
Negociação Coletiva	60
Formação Sindical	63
Comunicação	79
PARTE III – As lutas de hoje	83
Os trabalhadores em condomínios	85
PARTE IV – Depoimentos	95
Sem ponto final, pois a luta continua	123
Anexos	129
Referências	177

Apresentação

Um dos grandes desafios na construção de uma sociedade justa e igualitária é, sem dúvida, a valorização de todos os seus cidadãos. E no caminho para esta tão sonhada sociedade, estão todos aqueles que nela acreditam e por ela lutam. Homens e mulheres, em diferentes frentes, buscam construir este sonho. Mas, para que isso aconteça, é preciso fortalecer a identidade do trabalhador brasileiro, permitindo o reconhecimento de sua importância na edificação dessa sociedade.

A força vem da união, já diz o ditado popular. Trabalhadores unidos vencerão os desafios no caminho para a conquista de seus direitos. Assim, vemos a importância do papel exercido por entidades sindicais, federações, confederações e central sindical que, unidas sob um mesmo ideal, vêm desenvolvendo um trabalho de peso na construção de uma nova sociedade.

Este livro traz uma pequena parte da história de luta do povo brasileiro. Traz a história do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis que, linha após linha, foi sendo escrita a partir das memórias de Ademar Weber. Este simples trabalhador rural, vindo do interior do estado

de Santa Catarina, indignou-se com a forma de tratamento despendida aos empregados de edifícios. Imbuído desta indignação não ficou parado na reflexão, buscou informações e aliados para, juntos, mudarem a situação.

O texto inicia relembrando como era a Florianópolis da década de 1970, com sinos ao vento escutados à distância. Um tempo em que podia-se contar facilmente quantos edifícios eram vistos ao longe. Uma época ainda assombrada pela ditadura militar, presente nas atitudes e ações de muitas pessoas. Essa época é lembrada através do olhar do trabalhador, que enfrentava o dia a dia nos edifícios dessa cidade. Ele traz as dificuldades enfrentadas para tornar ativa a Associação dos Empregados em Edifícios de Florianópolis e, depois, sua transição para Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis – SEEF. Segue nos contando as importantes conquistas dessa entidade sindical, as dificuldades de comunicação com os trabalhadores, mas, principalmente, transparecendo a sua perseverança nessa prática.

Na sequência, o livro nos revela um sindicato participativo, que não ficou limitado às rescisões e rifas, mas se envolveu com a luta maior, por uma sociedade mais democrática. Buscou, através da filiação à Federação dos Trabalhadores no Comércio em Santa Catarina – Fecesc, à Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e

Serviço – Contracs e à Central Única dos Trabalhadores – CUT, fortalecer a luta do trabalhador brasileiro, pois sabia que lutando pelo todo, estaria também lutando pelos trabalhadores em edifícios.

Apresenta ainda, as ações dessa entidade nos âmbitos político e social, transparecendo sua visão de mundo e de sociedade. Nos mostra que é preciso ir além da casa, do bairro, é preciso pensar globalmente para que a transformação social aconteça.

O SEEF, ensinando, fortaleceu-se através dos cursos de formação sindical, mas, principalmente, na formação profissional, com os Cursos de Zeladoria e Língua Espanhola. Aprendendo, aprimorou o diálogo para as negociações coletivas, conseguindo para esta categoria um dos melhores Acordos Coletivos de Trabalho do país.

A comunicação, aliada à formação sindical, construiu o SEEF que hoje vemos, atuante e firme em seus ideais trabalhistas. A multiplicação de tudo o que aprenderam ao longo das três décadas de existência, conscientizou muitos trabalhadores a respeito de seus direitos como cidadãos.

O relato histórico apresentado, é confirmado pelos amigos do SEEF em seus depoimentos. Lendo cada um deles, relembro os momentos vividos pelo sindicato, cada

luta empreendida, cada vitória conquistada. Amigos e companheiros que acreditaram que era possível construir uma entidade forte e com um ideal de luta.

Este livro foi escrito com a humildade e a convicção, de que é preciso falar sobre as conquistas, as lutas, tudo que o SEEF aprendeu e ensinou nos últimos 30 anos. É dessa forma que Ademar escreve, com simplicidade e obstinação. E é com muita alegria que apresento este livro, fruto de uma vida destinada à luta pelos direitos do trabalhador.

Cátia Weber
Socióloga

PARTE I – Os primeiros passos

*A bela cidade enfim crescia rapidamente
Com seus majestosos e ricos edifícios
Enquanto não reconheciam meus serviços
Eu permanecia infeliz e descontente*

*A união desta classe destemida
Mudou e deu rumo a nossa vida
Mostrando nosso valor de cidadão
Ensinou-nos a grandeza de dar as mãos*

*Hoje somos trabalhadores respeitados
Conseguimos dar a nossos filhos um futuro
Nossa classe não ficou de olhos no escuro
É a grandeza que a união tem conquistado*

*Entendemos como eger um bom político
Se for necessário não recuo e também crítico
Queremos governo honesto e que respeite o seu povo
Com certeza, se a gente é feliz, vamos elegê-lo de novo*

*A classe precisa ser honesta e amar sua nação
Com trabalho, força, respeito e união
Nunca esquecer que o País precisa de nós
Esta é a forma de ouvirem a nossa voz*

(TWeber, 2014)

Nossa história começa ao final de 1970 na cidade de Florianópolis. Naquele tempo ainda era possível escutar ao longe, os sinos da Catedral Metropolitana que enchiam o ar acolhendo os seus moradores. A década foi marcada pela construção da Ponte Colombo Salles, inaugurada em 8 de março de 1975, bem como pelo aterro da Baía Sul,

que proporcionou um novo recorte visual para a Ilha de Santa Catarina.

A cidade contava com cerca de 80 edifícios residenciais e comerciais, sendo a grande maioria de pequeno porte. Era possível contar nos dedos as novas construções que alcançavam 12 andares. Na época não havia uma organização sindical efetiva na região e apenas em 09 de setembro de 1977 foi registrada na Delegacia Regional do Trabalho a Associação dos Empregados em Edifício de Florianópolis, cujo presidente era o senhor Arnaldo Goulart, zelador do edifício Luiz Fernando¹. Embora registrada, a Associação era pouco conhecida dos trabalhadores em edifícios. Sua atuação durou pouco mais de um ano, sem a realização de um trabalho efetivo em favor dos trabalhadores da categoria.

Naquele tempo, alguns de seus associados, entre os quais estou incluído, passamos a refletir sobre nossa precária situação de trabalho e, embora sendo filiados à Associação, não tínhamos um maior conhecimento sobre sua atuação. Desiludidos, resolvemos buscar informações sobre como po-

¹ Os demais membros daquela diretoria eram: Secretário: Miguel José de Souza, zelador do Edifício Desembargador Medeiros Filho. Tesoureiro: Hidebert Schlupp, zelador do Edifício Amelita. Conselho Fiscal Efetivo: Waldir Roesner, zelador do Ed. Berenice; Julio Cesar da Silva, zelador do Ed. Cruzeiro do Sul; Hilton Mello Gonçalves, zelador do Ed. Miguel Daux. Diretoria Suplente: Aldo Silva, Waldemar Lopes de Souza, Adolar Francisco Waltrick. Conselho Fiscal Suplente: Jaime Costa, Manoel Bento Filho e José Rosa. Anexo 1: Ata de fundação da Associação dos Empregados em Edifícios.

deríamos reorganizá-la e a primeira ação foi convocar uma assembleia da categoria, cuja pauta era eleger uma nova diretoria e reativar a Associação já existente. Após seis meses de atuação efetiva pela nova diretoria, foi dada entrada na Delegacia Regional do Trabalho na documentação necessária para iniciar a tramitação e consequente fundação do Sindicato, pois na época essa era a prerrogativa.

Porém, a caminhada não foi tão simples assim, apresentando muitos percalços ao longo do caminho até que conseguíssemos registrar um Sindicato para a categoria dos trabalhadores em edifícios.

A primeira Assembleia foi realizada no dia 14 de junho de 1983, na sede da Federação dos Trabalhadores na Construção e Imobiliário de Santa Catarina (FETICOM), situada à Rua Antônio Dib Mussi, n. 56, em Florianópolis. A Assembleia contou com a coordenação do Advogado Dr. Waldyr Pedro Del Prá Netto. Nesse dia, foi eleita a nova diretoria que administraria a Associação, formada pelos seguintes companheiros: como presidente o senhor Carlos Alberto da Silva, zelador do Ed. Andrea, na Av. Beira Mar Norte, 624; na função de secretário o senhor Carlos Olímpio Zeferino, zelador do Ed. Morada do Norte, na Av. Beira Mar Norte, 326; como tesoureiro o senhor Ademar Weber, zelador do Edifício Jorge Daux, na Rua dos Ilhéus, 22. Os

companheiros que assumiram como suplentes da Diretoria foram os senhores Julio Cesar da Silva, zelador do Ed. Medeiros Filho, na Rua Esteves Junior, 01; Custódio de Souza Lessa, zelador do Ed. Carina, na Av. Beira Mar Norte, 546; Valmor Francisco Manoel Peres, zelador do Ed. Cristina, na Av. Hercílio Luz, 125. O Conselho Fiscal Efetivo era composto pelos senhores Mario Cesar da Silva, zelador do Edifício Panorama, na Av. Beira Mar Norte, 80; Adolar Francisco Valtrick, zelador do Ed. Gustavo Richard, na Av. Trompowsky, 08; Edson Jorge da Luz, zelador do Edifício Jayme Linhares, na Rua Vidal Ramos, 58. O Conselho Fiscal Suplente era composto pelos senhores Euclides dos Santos, zelador do Edifício Antares, na Av. Beira Mar Norte, 490; Pedro Júlio de Souza, zelador do Edifício Ivo Silveira, na Rua Tenente Silveira, 130; e Claudio de Souza, zelador do Edifício Velásquez, na Rua Emir Rosa, 66.

Nesta assembleia ficou decidido que faríamos reuniões mensais, sempre em locais diferentes para não chamar a atenção da classe patronal. Decidiu-se também pela realização da assembleia seguinte, agendada para o dia 12 de julho de 1983, às 20 horas, na sede da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Santa Catarina (FETIESC), situada na rua Almirante Lamego, em Florianópolis, para dar conhecimento aos interessados e tratar de vários assuntos da

categoria dos trabalhadores em edifícios.

Dessa forma, deu-se início a um movimento de conscientização junto à categoria, tentando mostrar a importância de termos um sindicato para defender nossos interesses trabalhistas. Porém, como todos sabem, nesse período, anos finais da ditadura militar, o país passava por uma crise financeira séria. Hoje, lembramos das dificuldades enfrentadas na criação de um sindicato para os trabalhadores em edifícios, como orientações contrárias e até mesmo ameaças de síndicos e moradores dos condomínios e proprietários de salas e lojas comerciais, sofridas por alguns companheiros da diretoria para não participarem da Associação. Muitos ficavam com medo e desistiam de participar do futuro sindicato. Porém, mesmo sozinho, decidi enfrentar o desafio.

Dias depois tive a sorte de conhecer um rapaz chamado Nelson Motta, que apareceu na portaria do edifício em que eu trabalhava e que se apresentou como funcionário da Federação dos Trabalhadores no Comércio do Estado de Santa Catarina (Fecesc).

Naquele momento, Nelson falou que em processo recente a Federação passou a representar outras categorias de trabalhadores e, nesse sentido, abria-se espaço para que a Associação, que representava os trabalhadores em edifícios

na época, efetivasse sua filiação à Fecesc. Também comentou que os dirigentes dessa federação souberam de nossa intenção em fundar um sindicato e queriam saber se eu estava disposto a desarquivar a Associação dos Empregados em Edifícios de Florianópolis na Delegacia do Trabalho e transformá-la em Sindicato. Claro que minha resposta não poderia ser outra, concordei. Nelson se prontificou a dar toda assistência necessária para qualquer orientação necessária. Foi aí que começou uma longa e árdua caminhada, iniciando com a organização da documentação necessária para entrar com o pedido de desarquivamento da referida Associação.

A fundação do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis (SEEF)

O período do final da década de 1970 e início de 1980 constituía um momento incerto para reuniões políticas e sindicais. A ditadura militar enfrentava desafios advindos das organizações sociais que se espalhavam pelo país e muitas pessoas, companheiros e companheiras de luta, enfrentaram a mão pesada do governo militar. Embora a época não fosse propícia para realizar reuniões e falar aos trabalhadores sobre seus direitos, insisti, prosseguindo com o propósito de um dia termos um Sindicato para defender os direitos dos trabalhadores em condomínios. Gastei sola de sapato andando de prédio em

prédio para conversar com os companheiros, buscando a sua conscientização e apoio para a fundação do sindicato.

O processo de conscientização foi a tarefa mais difícil que enfrentei por diversas razões: primeiro, os companheiros não acreditavam que alguém fizesse alguma coisa por eles, pois já existia uma associação cuja atuação nada fez pela categoria, a não ser cobrar mensalidade e fazer rifas; segundo, eu não podia falar com os trabalhadores em seu local de trabalho, tendo em vista que os moradores dos condomínios em sua maioria eram pessoas elitizadas, alguns sendo empresários de renome na Grande Florianópolis. Falar em sindicato nesses locais, podendo algum morador ouvir a conversa, colocaria em risco o emprego desses trabalhadores, pois na época estar reunido falando sobre melhores condições de vida e de trabalho nos colocava na categoria de subversivos e a demissão era inevitável.

Bem, foi difícil conseguir um número de filiados que justificasse a transformação da associação em sindicato, mas era critério da diretoria da associação que, quanto maior o número, maior a força para conseguir esse intento.

Mesmo com dificuldades de comunicação, repressão patronal e o controle imposto pelo governo através do Ministério do Trabalho, que na época mantinha atrelados to-

dos os sindicatos, ou seja, os sindicatos não podiam fazer nada sem antes solicitar autorização desse órgão, tínhamos muita garra e determinação. Contamos com o apoio de alguns companheiros da categoria, como também da valiosa ajuda da diretoria e dos funcionários da Fecesc, tornando possível constituir uma Assembleia Geral para a fundação do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis, o conhecido SEEF, em cuja Ata² ficou assim registrado “cumprindo a vontade da maioria estava aprovado a pedido de Investidura Sindical da Associação”.



Entrega da Carta Sindical em 07 de junho de 1985. Acervo do SEEF.



Posse da 1ª Diretoria do SEEF em 07 de junho de 1985. Acervo do SEEF.

² Anexo 2: Ata de criação do SEEF.

Realizada a Assembleia Geral, juntamos todos os documentos exigidos, montamos um processo e encaminhamos ao Ministério do Trabalho, para que a Associação passasse à categoria de Sindicato.

Nesse período, enquanto esperávamos a assinatura da Carta Sindical, houve muitos percalços. Meus companheiros de diretoria aos poucos foram desistindo, uns porque saíram da categoria, outros porque ficaram com medo depois de receberem ameaças por parte dos patrões, que achavam que um sindicato seria um problema para a sociedade. Mais uma vez acabei ficando sozinho. Ainda bem que, nesse momento, eu podia contar com os companheiros da Federação para me ajudar na luta. Foram nove meses de espera até que, no dia 15 de janeiro de 1985, a nossa carta sindical foi assinada pelo Sr. Murilo Macedo, Ministro do Trabalho na época.

Com a carta sindical³ na mão, começamos outra luta, muito mais complexa, que seria conscientizar os trabalhadores que o sindicato poderia tornar-se um instrumento de luta para a categoria, mas que para isso era necessário o maior número possível de companheiros filiados/sindicalizados. Sabíamos que não seria fácil realizar a tarefa, tendo

³ Anexo 3: Edital de publicação do registro sindical.

em vista que quem trabalha em condomínio convive diariamente com pessoas de diferentes camadas sociais, sendo que algumas são muito elitizadas, conseguindo influenciar os trabalhadores a não se sindicalizarem. Para isso, foi preciso conscientizar também os síndicos dos condomínios, bem como os moradores sobre a natureza do sindicato e seu objetivo, o qual não era enriquecer às custas das mensalidades, mas que essas serviriam para manter o trabalho sindical na ativa, buscando conquistar direitos para a categoria. Era necessário fazê-los compreender os direitos constitucionais existentes para empregadores e empregados e com isso mostrar que o trabalhador, como todo ser humano, tem direitos e deveres. Assim como o empregador tem o direito de exigir do empregado o cumprimento de suas obrigações, também tem a obrigação de respeitar todos os direitos do empregado. O Sindicato foi criado para fazer com que esses direitos sejam assegurados.

A forma usada para conscientizar os trabalhadores foi por muito tempo a comunicação verbal, através das conversas com os trabalhadores durante as visitas ou pela comunicação escrita, distribuindo panfletos com frases educativas. Sabíamos que muitos panfletos seriam ignorados e não lidos, mas também havia a esperança de que alguns trabalhadores dariam atenção e passariam a comentar sobre nossa

ação, fazendo a chamada “propaganda de boca em boca”. Essa persistência fez com que a toda a nova distribuição de panfletos aumentasse o público leitor da classe que passou a ter interesse pelo assunto. Foram muitos os trabalhadores que aderiram a nossa luta, e com isso pudemos dar o passo seguinte, formando a primeira diretoria do Sindicato.

Nesse período, a Fecesc estava trabalhando em um projeto de formação sindical para os sindicatos e ela filiados. Como o sindicato fora recém-criado, era premente realizar uma formação sindical com a diretoria que possuía pouca experiência nessa área. Assim, a Fecesc aplicou o curso de Concepção, Estrutura e Prática Sindical para os companheiros que formaram a primeira diretoria do nosso sindicato.

A primeira eleição do sindicato depois de sua criação (transformação da Associação em Sindicato) foi realizada no dia 09 de maio de 1985, na qual foram eleitos para compor a diretoria os seguintes companheiros: como presidente o senhor Ademar Weber, zelador do Edifício Jorge Daux; na função de secretário o senhor Ailto Hinkel Schlistthing, zelador do Edifício Solar das Orquídeas; como tesoureiro o senhor Miguel Manoel Pinheiro, zelador do Edifício Morada Tanenbaum. Os suplentes da diretoria foram os senhores Oscar Leopoldo Hames, zelador do Edifício Presidente; Djalma José Pereira, zelador do Edifício Dona

Izabel e Hildebert Schlup, zelador do Edifício Mansão de Monte Carlo. O Conselho Fiscal Efetivo ficou assim composto pelos senhores Wanderle Schlisthing, porteiro do Edifício Solar das Orquídeas; Aldo Weber, zelador do Edifício Minerva e Edson Jorge da Luz, zelador do Edifício Simone. Os suplentes do Conselho Fiscal eram os senhores Nolfrido de Almeida, zelador do Edifício Maria de Fátima; Luiz Carlos de Moraes, porteiro do Edifício Versalhes e Valter Medeiros, zelador do Edifício Vitor Conder. Os delegados efetivos representantes juntos à Federação foram os senhores Ademar Weber e Olimpio de Souza. Os delegados suplentes eram os senhores Domingos Schlosser, zelador do Edifício Anna Terezia e Jesse James Fraga, zelador do Edifício Anna Paula. Esses companheiros tomaram posse no dia 07 de junho de 1985 para um mandato de três anos, como regia o estatuto do sindicato.

Depois disso, seguiram-se 10 eleições e muitos trabalhadores participando ativamente na luta pelos direitos dos empregados em edifícios de Florianópolis.⁴

Na época, para montar uma chapa para concorrer às eleições de um sindicato era preciso mandar os documentos dos candidatos, a chamada folha corrida e a ficha de

⁴ Anexo 4: Descrição das diretorias do SEEF, ao longo de 30 anos.

qualificação para serem analisados e aprovados pelo Ministério do Trabalho. Esse atrelamento dos sindicatos ao Ministério do Trabalho durou até outubro de 1988. Com a homologação da Carta Constitucional os sindicatos obtiveram certa liberdade a essas exigências.

Os primeiros dias do SEEF

A posse da primeira diretoria do sindicato ocorreu no dia 07 de junho de 1985, no auditório da Associação Catarinense de Medicina, à Rua Jerônimo Coelho, no Centro de Florianópolis.⁵ Contou com a presença de vários convidados entre eles estavam os diretores dos sindicatos da categoria dos empregados em edifícios de outras cidades como Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói e Goiânia. Após a cerimônia de posse, os convidados foram saborear uma sequência de camarão na Lagoa da Conceição, regada a muitas brincadeiras descontraídas.

A diretoria agora empossada começava a pensar sobre como iria providenciar um local próprio para atender aos trabalhadores da categoria. Até aquele momento, estávamos ocupando um espaço na casa que a Fecesc havia alugado, situada à Rua Rafael Bandeira, pois a mesma tinha iniciado a construção do edifício onde fica a sede atual.

⁵ Anexo 5: Discurso de posse da primeira diretoria do SEEF.

O primeiro escritório do SEEF ocupou uma sala alugada no Edifício Dona Izabel, na Rua Anita Garibaldi. A sala não era comercial, o edifício foi construído para residência de estudantes e suas salas eram na verdade quitinetes. Depois de algum tempo passaram a alugar as quitinetes para escritórios comerciais. Como o sindicato não possuía condições de ter uma sede própria, aproveitamos para alugar uma dessas salas com baixo custo na época.

Tínhamos apenas uma mesa e transformamos uma penteadeira antiga em outra mesa. Havia apenas três cadeiras, uma garrafa térmica e cuia para o chimarrão que recebemos de doações de alguns diretores. De início, não tínhamos armários, conseguimos alugar um telefone, uma máquina de escrever portátil emprestada e uma calculadora a pilhas. Colocamos um biombo no meio da sala como divisória, mas o mais importante: a nossa carta sindical estava lá pendurada na parede e conseguimos, junto à Delegacia Regional do Trabalho, autorização para podermos homologar as rescisões de contrato de trabalho da categoria representada.

Naquele momento notamos um sério problema. Quem vai homologar as rescisões? Precisávamos contratar alguém para executar esse trabalho, e buscamos informações com os companheiros da Fecesc que nos indicaram a companheira

Cilir Maria Cavassini, que até então trabalhava como recepcionista. Não podíamos liberar um diretor para trabalhar no sindicato em tempo integral porque não havia como pagar o salário e os encargos sociais. Então eu tirava duas horas do meu trabalho como zelador todas as tardes para estar no sindicato, mas precisava repô-las à noite como vigia.

Foram muitos desafios, e alguns deles surgiam no dia a dia do trabalho. Havia procedimentos burocráticos e legais que fugiam ao conhecimento da secretária e meu também, não sendo poucas as vezes que recorremos à Fecesc solicitando auxílio. Contamos com o apoio do companheiro João Vicente de Borba Filho⁶, à época funcionário desta federação, que por telefone nos orientava, e com muita garra fomos aprendendo e superando todas as dificuldades.

Passamos por muitos apertos, desde providenciar o dinheiro para pagar a luz, o telefone, o salário e encargos sociais da funcionária, para comprar material de expediente, publicar um edital de convocação para uma assembleia etc. Tudo era difícil, mas contamos com a colaboração de muita gente, entre elas com um companheiro que trabalhava no Jornal de Santa Catarina e muitas vezes parcelava a cobrança dos editais publicados nesse jornal.

⁶ *In Memoriam.*

A renda do sindicato vinha das mensalidades dos associados, porém como os valores arrecadados eram poucos, muitas vezes nós diretores colocávamos dinheiro do próprio bolso para quitar esses compromissos.

Mais tarde conseguimos, através de doação da Secretaria do Trabalho, todos os móveis e máquinas necessários para podermos trazer um pouco mais de conforto para o trabalhador que nos procurava.

Conquistas para os trabalhadores da base

Inicialmente, o sindicato representava somente os trabalhadores em edifícios de Florianópolis, pois a carta sindical emitida pelo Ministério do Trabalho limitava sua representação na base municipal. Nesse período, o número de trabalhadores no município de Florianópolis era pequeno, tinha uma média de quatrocentos trabalhadores na base. Com o passar do tempo, a construção de edifícios foi aumentando e expandindo para os municípios vizinhos e, conseqüentemente, a contratação de trabalhadores para esses condomínios. Como não havia uma entidade que representasse esses trabalhadores, o nosso sindicato passou a dar toda a assistência aos companheiros que trabalhavam nos condomínios localizados nos municípios de São José, Biguaçu e Palhoça, ou seja, embora não possuísemos a representação de direito, fazíamos a representação de fato para esses trabalhadores.

Com relação a representação dessa categoria, aconteceu um fato que nos fez pensar até onde pode chegar a audácia e a desonestidade de algumas pessoas.

Em 31 de agosto de 1999, a Federação dos Trabalhadores no Comércio Hoteleiro e Similares de Santa Catarina publicou um edital convocando uma assembleia para a criação de um sindicato para os trabalhadores em edifícios, na região que engloba os municípios de São José, Biguaçu e Palhoça. Esta ação não acarretaria problema algum, se fosse para trazer mais benefícios aos trabalhadores. Porém, ficamos apreensivos pela forma como estava sendo organizado tal evento. Os motivos que nos levaram a desconfiar foram: primeiro, a convocação da assembleia feita apenas em um jornal de pouca circulação entre os trabalhadores da base; segundo, sua convocação foi feita para ser realizada na Associação de Moradores do Bairro Ponte do Imaruí, apresentando-se de difícil localização.

Quando ficamos sabendo que aconteceria tal assembleia, decidimos conversar com os trabalhadores da categoria nos municípios de São José, Biguaçu e Palhoça, chamando-os para estarem presentes no dia e hora marcados na convocação. Durante a assembleia vimos que, da parte da referida Federação, estavam presentes apenas quatro trabalhadores da base. No momento em que perceberam

o número de pessoas que adentrava o local, deu-se início a um debate acirrado sobre as intenções para a fundação de um sindicato, que não estaria filiado à Central Única dos Trabalhadores – CUT.



Assembleia para a criação de um sindicato dos trabalhadores em edifícios nos municípios de São José, Biguaçu e Palhoça. 31/8/99. Acervo SEEF.

Nesse momento, os trabalhadores que estavam representando a categoria na assembleia, movidos pela consciência de seus direitos conquistados através do SEEF, tomaram a decisão de permanecerem filiados a este.

Estes trabalhadores deram uma prova do quanto acreditam no nosso sindicato, atenderam nosso chamado e compareceram em grande número votando contra a criação do novo sindicato.

A representação feita pelo SEEF aos trabalhadores de

São José, Biguaçu e Palhoça se estendeu até 31 de julho de 2007, quando o Ministério do Trabalho deferiu em favor do sindicato o processo de alteração estatutária no qual nossa entidade sindical solicitava a extensão da base territorial para os municípios já citados. No mesmo processo o sindicato pedia também a extensão da representação para os trabalhadores em empresas de compra, venda, locação e administração de imóveis dos quatro municípios vizinhos, passando a ser denominado Sindicato dos Empregados em Edifícios e em Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis de Florianópolis – SC, representante da Categoria Profissional dos Empregados em Edifícios e em Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais, com abrangência intermunicipal e base territorial nos municípios de Florianópolis, São José, Biguaçu e Palhoça.

Hoje, prestes a completar trinta anos de existência, o sindicato representa aproximadamente oito mil trabalhadores. Essa foi uma das muitas conquistas alcançadas pelo SEEF, fazendo com que os trabalhadores e seus dependentes passassem a ter mais qualidade de vida.

Após a fundação do Sindicato, nas visitas que fazíamos aos trabalhadores nos edifícios, começamos a receber denúncias em relação às condições de trabalho. Passamos,

então, a fiscalizar os condomínios que eram denunciados e o que verificamos em alguns condomínios foi coisa de deixar qualquer pessoa horrorizada.

A maioria dos condomínios se preocupava apenas com o bem-estar dos condôminos, apresentando salões de festas luxuosos, amplos playgrounds para os filhos dos moradores, piscinas etc. e submetiam os trabalhadores a condições insalubres em relação ao trabalho e moradia. Trago alguns casos denunciados, porém optamos por ocultar os nomes dos condomínios para preservar as identidades dos trabalhadores que lá estavam contratados naquela época.

Em alguns condomínios, os trabalhadores eram obrigados a fazer suas refeições em locais sem salubridade, por exemplo ao lado de lixeiras ou banheiros; em outros a opção era fazer as refeições dentro dos banheiros. Em um desses casos, registramos uma situação em que os trabalhadores colocavam uma tábua em cima do vaso sanitário que passava a servir de mesa; utilizavam um botijão de gás com um fogareiro encima; colocavam prateleiras e com isso o banheiro virava cozinha. Houve outros casos em que os trabalhadores faziam suas refeições e guardavam a louça e alimentos num porão ao lado de esgotos com a presença de ratos. Imagine a situação em que pessoas precisavam se alimentar ao lado de ratos de esgoto!

Outra questão trazida ao nosso conhecimento diz respeito à moradia do zelador. A maioria dos condomínios faz questão de que o zelador resida nas dependências do condomínio e muitos trabalhadores, por não ter residência própria, submetiam-se junto com sua família a residir em locais com alto grau de insalubridade, tais como apartamento com dezoito metros quadrado com uma porta e apenas uma janela pequena, localizado, na maioria das vezes, no canto da garagem, recebendo diretamente os gases venenosos expelidos pelos veículos ali estacionados. Muitos familiares de zeladores foram hospitalizados com intoxicação provocada por esses gases.

Também foram denunciados casos com relação às guaritas utilizadas para a vigilância dos condomínios. Como todos sabem, a guarita é um local onde os porteiros diurno e noturno passam cerca de doze horas vigiando a entrada e saída do condomínio, cuidando do bem-estar dos condôminos. Muitos condomínios utilizavam guaritas móveis, muito parecidas com aqueles banheiros químicos utilizados ao ar livre. Você já imaginou uma pessoa ter que passar doze horas dentro de uma guarita dessas sem um banheiro para lavar as mãos ou mesmo fazer suas necessidades básicas? Houve um caso em um condomínio horizontal em que a guarita foi colocada na varanda da casa do zelador. O porteiro noturno vigiava o condomínio e também o zela-

dor, pois não lhe restava outra alternativa.

Em outros condomínios de grande porte onde trabalham ascensoristas, recepcionistas e faxineiras(os), era permitida a saída para usar o banheiro apenas duas vezes ao dia, sendo uma na parte da manhã e outra na parte da tarde, do contrário receberiam advertência. Pois acredite, em Florianópolis era assim.

Os trabalhadores em condomínio podem se considerar privilegiados por participarem de um sindicato atuante, que enfrenta os problemas sem temer qualquer tipo de ameaça, principalmente quando se depara com problemas tão sérios como esses narrados acima.

Nossa primeira ação foi resolver o problema mais preocupante, o local de alimentação para os trabalhadores, que não podiam continuar fazendo suas refeições junto ao depósito de lixo e dividindo o espaço com os ratos. Para solucionar o problema, contamos, na época, com a eficiente atuação da Vigilância Sanitária que prontamente atendiam nossas denúncias. Felizmente, o problema foi resolvido, não havendo mais denúncias.

Outro problema que precisava de solução dizia respeito às guaritas improvisadas para os porteiros diurnos e noturnos, nas quais eles passavam doze horas olhando por uma

pequena janela, sem ventilação adequada. Finalmente, elegemos um vereador do Partido dos Trabalhadores – PT, o companheiro sindicalista Mauro Passos, que nos procurou para saber o que poderia fazer para ajudar nossa categoria. Colocamos para o companheiro vereador o problema das guaritas e ele, sensibilizado com a situação, entrou com um projeto de lei na câmara. O projeto foi aprovado pelos vereadores e virou a Lei Complementar número 005/97, sancionada pela Prefeita Municipal de Florianópolis, a Sra. Ângela Regina Heinzen Amin Helou, publicado no Diário Oficial do Estado em 12 de dezembro de 1997. O texto do Artigo Primeiro dessa Lei colocava que todas as edificações em condomínio de qualquer espécie de uso seriam providas, atendidos os demais dispositivos na Lei 1246/74, de compartimentos para uso dos empregados (zeladores, faxineiros, vigias e demais funcionários) e instalações sanitárias com chuveiros.

A situação vivenciada pelos porteiros no município de Florianópolis também era realidade para os empregados de edifícios do município de São José. Após a aprovação da Lei Complementar em Florianópolis, foi possível empreender outra mudança com o apoio de outro vereador do PT, o companheiro sindicalista Antônio Luiz Battisti, que conseguiu justificar e aprovar um Projeto de Lei para o Município de São José, com o mesmo objetivo. O texto do projeto

justificativa um pedido de regulamentação, visto que o Plano Diretor de São José, Lei 1605/85, foi omissivo em relação a construção de dependências próprias para os trabalhadores em condomínios. Vários municípios, entre eles a Capital do Estado de Santa Catarina, já haviam adequado sua Legislação para garantir melhores condições de trabalho para esta categoria. Por esta razão, encaminharam o Projeto de Lei, solicitando as mesmas condições de trabalho constantes na Lei aprovada pelo Município de Florianópolis.

A proposição vem adequar a legislação vigente no município de São José, atendendo uma antiga reivindicação dos trabalhadores de condomínio. Começávamos a lutar não mais apenas pela força da voz, mas agora pela força da lei, na medida em que passamos a organizar nossas ações, conseguindo o apoio político e legal para promover mudanças nas condições de trabalho dos empregados em edifícios.

Para solucionar o problema das moradias disponibilizadas nos condomínios para os zeladores em Florianópolis, contamos mais uma vez com o trabalho de um vereador do PT, o companheiro Márcio de Souza, que entrou com outro projeto, conseguindo aprovar a Lei Complementar número 329, de 04 de julho de 2008. A Lei alterou os artigos 90 e 152, incluindo neste último os artigos 152A e 152B, na Lei complementar número 060/2000 que “Institui o código de obras e edificações

de Florianópolis e dá outras providências”.

O Art. 152 colocava apenas que em construções de edifícios com mais de duas unidades independentes (apartamentos), o mesmo deveria conter um hall de entrada, portaria e “dependência de uso comum destinada a empregados dimensionada de acordo com o artigo 100”. Com a alteração na lei, a inclusão do Artigo 152A trouxe também que as dependências para os empregados deveriam dispor de “instalação sanitária com chuveiro”. E com o artigo 152B ficava de fato regulamentada a situação habitacional dos empregados em edifícios, como traz o texto abaixo:

Quando existir unidade habitacional destinada a empregados, em edificações em condomínios de qualquer espécie de uso, deverão ser observadas as seguintes condições:

I – possuir área útil não inferior a cinquenta metros quadrados e, pelo menos, seis compartimentos (sala de treze vírgula setenta e cinco metros quadrados; dois quartos de doze vírgula vinte e cinco metros quadrados cada; cozinha de cinco vírgula setenta e cinco metros quadrados; banheiro de três vírgula vinte e cinco metros quadrados e varanda de dois vírgula setenta e cinco metros quadrados), obedecidas as dimensões e áreas mínimas previstas nesta Lei Complementar; e

II – não estar situada em área insalubre, não estar situada no pavimento denominado sub-solo, possuir compartimento com iluminação e ventilação, de acordo com as disposições vigente neste Código, não estar situada próxima à casa de bombas nem à casa de máquinas de elevadores, nem diretamente nas áreas de circulação e estacionamento de veículos. (NR)

As vitórias e conquistas do sindicato não param por aí. As ações em prol dos direitos dos trabalhadores para melhores condições de vida e trabalho se passam tanto no âmbito econômico quanto no social. Com relação à situação econômica, desde que firmamos a primeira Convenção Coletiva de Trabalho, conseguimos melhorar consideravelmente os salários da categoria, dobramos o valor das horas extraordinárias, salário habitação para o trabalhador que reside nas dependências do condomínio, vale-transporte gratuito, entre outras. Desde o início das primeiras negociações até o presente momento, sempre tivemos a melhor convenção e acordos coletivos do país.

Visando trazer os trabalhadores para o sindicato, passamos a organizar algumas atividades sociais para unir a categoria, ou seja, que fizessem com que o trabalhador se conscientizasse e participasse mais das atividades do sindicato. Para isso, passamos a realizar todo final de ano uma festa de confraternização, sendo que na primeira conseguimos contar com a presença de apenas 30 trabalhadores, mas com muita divulgação a presença da categoria foi aumentando a cada festa realizada e hoje contamos com aproximadamente 700 trabalhadores e a tendência é aumentar cada vez mais.



Festa de Confraternização do SEEF. Natal de 2013. Acervo do SEEF.

Como moramos no país do futebol, não poderíamos deixar escapar a oportunidade de unir a categoria e aumentar o número de sócios do sindicato através desse esporte. Criamos um time de futebol no qual só poderia jogar quem fosse filiado ao sindicato. A iniciativa deu certo e mais tarde criamos o segundo time. Hoje temos dois times, sendo um no centro de Florianópolis e outro no Norte da Ilha.

Na gestão do companheiro Rogério Vieira, foram organizadas várias excursões de lazer com a categoria, tendo em vista que o sindicato não se preocupava apenas com os direitos dos trabalhadores, mas também com o bem-estar e com o lazer da categoria.



Excursão para a Gruta Nossa Senhora de Lourdes no Município de Angelina, SC.
18/08/202. Acervo do SEEF.

Outra iniciativa que deu certo foi a parceria com o Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Florianópolis. Passamos a realizar em conjunto, preferencialmente no mês de maio, em comemoração ao dia dos trabalhadores, um bingo dançante unindo as duas categorias.



Bingo Dançante. Sindicato dos Comerciantes e SEEF. 25/05/2011.
Acervo do SEEF.

O SEEF também participa ativamente de campanhas de sindicalização, organizadas pela Federação dos Empregados no Comércio no Estado de Santa Catarina (Fecesc) e outros sindicatos. O nosso sindicato mantém há vários anos uma campanha de sindicalização permanente, premiando todo mês cinco associados com o sorteio de um vale-alimentação ou outros prêmios.



Campanha de Sindicalização do SEEF. Dezembro de 2013. Acervo SEEF.

Essas foram algumas ações implantadas pelo sindicato e que resultaram no fortalecimento de nossa entidade.

PARTE II – Um sindicato participativo

*Feliz do vivente que sofre
Sorri não lamenta e esquece
Feliz daquele que pobre
Trabalha muito e enriquece*

*A alma só melhora e fica leve
Depois dos percalços sofridos
A obrigação da vida é que deve
Devolver em momentos bonitos*

*O trabalho é na vida a forte raiz
Sustenta o ser, sacia a ansiedade
Aumenta o rubor do jovem aprendiz
Que amadurece, rumo à felicidade.*

(TWeber, 2008)

Filiação à FECESC, CONTRACS e à CUT

As atividades do grupo de trabalhadores que decidiram reorganizar a antiga Associação dos Trabalhadores em Edifícios não pararam por aí, mesmo após caminhar por trilhas tortuosas para conseguir aprovar a carta sindical que a transformava em um sindicato. Essas pessoas já entendiam que para fortalecer um sindicato e transformá-lo em uma entidade de luta pela causa dos trabalhadores, era necessário buscar apoio em outras entidades e, com isso, passaram a discutir sua filiação a uma federação.

Foi natural pensar na Fecesc, uma vez que foi devido ao seu auxílio que esse grupo conseguiu dar os primeiros passos para criar o sindicato. Foi assim que o SEEF aprovou sua filiação à Fecesc, no dia 25 de março de 1985, em assembleia convocada pelo próprio sindicato.

Muitos me perguntaram: por que um sindicato de trabalhadores em edifícios está filiado a uma federação de trabalhadores no comércio? Ouso afirmar que, primeiro, porque esta é a federação que representava a nossa categoria na época; segundo, é filiada à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e seguia e segue à risca os princípios e objetivos desta central. E terceiro, o nosso sindicato desde sua fundação tem representação junto a sua diretoria.

Mais tarde, foi criada em Santa Catarina a Federação dos Trabalhadores em Turismo e Hospitalidade, que legitimamente representa os trabalhadores do grupo ao qual pertencemos. Mesmo assim, preferimos permanecer filiados à Fecesc, federação esta que nos representa com muita dignidade.

Na mesma assembleia, também foi discutido e deliberado sobre a filiação do sindicato à CUT. Colocada em votação, foi aprovada por unanimidade a filiação às duas entidades. Desde então, participamos de todas as atividades promovidas pela FESCESC e pela Central Única dos Trabalhadores.

Como estamos contando a história de um sindicato combativo, não poderia demorar muito para que ele se envolvesse em mais uma luta dos trabalhadores, agora pela transformação do Departamento Nacional dos Comerciários – DNC.

Foi em 1993 que ocorreu o 2º Congresso do Departamento Nacional dos Comerciários, realizado na capital do Espírito Santo nos dias 27, 28 e 29 de janeiro. O congresso aprovou uma alteração importante desse departamento que incorporou os ramos do Comércio e Serviço, transformando-se em Confederação. O SEEF teve participação ativa nesse processo, contribuindo para a história da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços – Contracs, que também é filiada à CUT.

Hoje, o SEEF continua filiado à Contracs, possuindo representação em sua diretoria. Participamos de todas as atividades políticas e sociais convocadas pela Confederação, seja nacional, estadual ou municipal.



Delegados do SEEF no Congresso da Contracs. Novembro de 2008. Acervo SEEF.

Nas atividades da CUT

Ainda como associação, participamos ativamente da fundação da Central Única dos Trabalhadores do Estado de Santa Catarina, que aconteceu na cidade de Chapecó, em 30 de setembro de 1984. Estivemos presentes também na criação da CUT Regional da Grande Florianópolis, com representação ativa em sua direção.



O SEEF na Marcha Contra a Corrupção, Brasília/DF, 27/06/2001.
Acervo SEEF.

Participamos de todos os congressos e plenárias realizados pela CUT Santa Catarina, com a representação ativa em sua direção, desde o primeiro congresso realizado nos dias 07 e 08 de dezembro de 1985, na Cidade de Brusque, em Santa Catarina. Mesmo com a repressão policial que nos recebia com cassetetes e spray de pimenta, estávamos juntos nas passeatas do grito dos excluídos que aconteciam

durante os desfiles de 7 de setembro na capital catarinense, das atividades do dia do trabalhador, 1 de maio e outras convocadas pela central.



Marcha dos 100 mil, 26/08/2000. Acervo SEEF.



O SEEF na Marcha dos 100 mil, 26/08/2000. Acervo SEEF.



Grito dos Excluídos – Florianópolis/SC – 07/09/2001. Acervo SEEF.



Grito dos Excluídos – Florianópolis/SC – 07/09/1997. Acervo do SEEF.

Todas as atividades traziam como bandeira de luta a redução da jornada de trabalho sem redução de salário e o aumento do salário mínimo de acordo com o DIEESE, ou seja, um salário capaz de satisfazer o trabalhador e sua família nas necessidades básicas tais como: alimentação, saúde, moradia, transporte, lazer e Previdência Social. E mais importante, estas lutas visavam proporcionar aos mais necessitados uma vida mais digna, podendo se considerar verdadeiros cidadãos.

Outra ação importante da qual participamos foi o movimento pela implantação do salário mínimo regional em Santa Catarina, o qual só foi possível graças à grande mobilização dos trabalhadores que conseguiram um abaixo-assinado com cinquenta mil assinaturas, impulsionando o governo do estado a colocar o projeto em votação na Assembleia Legislativa, trazendo muitos benefícios para a classe trabalhadora catarinense.

A criação da Escola Sindical Sul, foi um momento marcante, não só para o nosso sindicato, mas para todos os sindicatos cutistas da região Sul do País. Nós fazíamos parte da comissão de divulgação e arrecadação de fundos para a construção da escola. Foram muitas viagens, reuniões, plenárias e muito debate com todos os sindicatos filiados à CUT dos três estados do sul: Paraná, Santa Ca-

tarina e Rio Grande do Sul. A criação da Escola Sul foi fundamental para a formação de novas lideranças.

Envolvimento político e social

Muitos trabalhadores, influenciados pela classe patronal, defendem a tese de que não é papel do sindicato se meter em política. Esses trabalhadores precisam se conscientizar de que a luta para mudar a política salarial é uma luta política. A defesa de melhores empregos só é possível se os sindicatos lutarem por uma mudança na política econômica. Por isso, para conquistarmos melhores condições de trabalho, de vida e vivermos com mais dignidade, precisamos que os sindicatos se unam na luta por uma transformação da sociedade.

O SEEF esteve presente no processo de redemocratização do país, participando ativamente na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), com diretores do sindicato compondo o diretório municipal do partido.

Nessa época já pensávamos que não bastava os sindicatos lutarem individualmente para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, queríamos muito mais, almejávamos a redemocratização do país. Mas para que isso viesse a acontecer era preciso uma união em nível nacional. E foi dessa forma que o Partido dos Trabalhadores entrou na vida do sindicato e de seus integrantes.

Em 1984, o então deputado federal do Mato Grosso, Dante de Oliveira, formulou uma proposta de emenda constitucional que tinha por objetivo restaurar as eleições diretas para presidente da República no Brasil, uma vez que a democracia havia sido interrompida pelo golpe militar de 1964. Nesse momento importantíssimo da história do Brasil, o sindicato estava em Florianópolis participando firme das manifestações locais, que se somavam à grande manifestação nacional pelas Diretas Já.

Apesar das grandes manifestações populares, que chegavam a paralisar as cidades onde eram promovidas, a emenda constitucional Dante de Oliveira foi rejeitada pela Câmara dos Deputados no dia 25 de abril de 1984, por não ter alcançado o quórum necessário, ou seja, dois terços dos votos a favor da emenda.

Com a rejeição da emenda, a eleição para presidente de República de 1985 foi novamente realizada de forma indireta. No entanto, articulações da oposição ao regime militar, endossadas pela mídia e com forte apoio da população, racharam a base governista que era maioria no Congresso Nacional, resultando na escolha de um integrante da oposição chamado Tancredo Neves como presidente da República. Com isso, encerra um ciclo de presidentes militares iniciado em 1964. Porém, Tancredo não chegou a tomar

posse. Com sérios problemas de saúde, faleceu no dia 21 de abril de 1985. Seu vice, José Sarney, tomou posse em 15 de março daquele mesmo ano, sendo também um dos responsáveis pelo processo de redemocratização do país, mesmo tendo apoiado os militares por quase vinte anos.

Para reprimir as manifestações populares, durante o mês de abril de 1984, o então presidente João Figueiredo aumentou a censura sobre a imprensa e ordenou prisões. Houve violência policial. Apesar da rejeição da emenda Dante de Oliveira na Câmara dos Deputados, o movimento pelas “Diretas Já” teve grande importância na redemocratização do Brasil. Suas lideranças passaram a formar a nova elite política brasileira. O processo de redemocratização continuou com a volta do poder civil em 1985, com a aprovação de uma nova Constituição Federal em 1988 e com a realização das eleições diretas para Presidente da República em 1989.

Nesse período, os sindicatos atuavam fortemente na política brasileira. Não restava outra alternativa para o movimento sindical, a não ser mobilizar a categoria e lutar contra os pacotes econômicos lançados pelo Governo Federal, começando pelo plano cruzado instituído pelo Governo Sarney no dia 1º de março de 1986. Essa reforma monetária cortou três zeros, e o Cruzeiro foi substituído pelo Cruzado.

O objetivo do plano era conter a inflação que estava chegando a 225,16% no primeiro ano de seu governo.

O Plano Cruzado I teve como princípio o congelamento de preços por um ano, e os salários também foram congelados, pelo valor médio dos últimos seis meses. Também foi criado o gatilho salarial, pelo qual toda vez que a inflação atingisse ou ultrapassasse 20% os salários teriam correção automática com o mesmo índice.

A economia estava desorganizada e com a inflação em alta. Assim o governo lançou o Plano Cruzado II, no dia 21 de novembro de 1986, constituindo outro desastre econômico. Com a liberação dos preços dos produtos e serviços, a inflação disparou, refletindo no então Ministro da Fazenda Dilson Funaro que foi substituído por Luiz Carlos Bresser Pereira.

Em julho de 1987, foi apresentado o Plano Bresser. Mesmo com todas as medidas previstas nesse plano, ele não conseguiu conter a inflação. Assim, Bresser deixa o ministério em 06 de janeiro de 1988 e é substituído por Mailson da Nóbrega.

No ano de 1988, a inflação chega a 933% e o governo lança mais um plano econômico. O Plano Verão foi apresentado por Mailson da Nóbrega, em 15 de janeiro de

1989. O plano econômico cortou três zeros e foi criado o Cruzado Novo, que também não conseguiu reduzir a inflação. Para se ter uma ideia da gravidade em que se encontrava a economia brasileira, de fevereiro de 1989 até fevereiro de 1990 a inflação atingiu 2.751% e foi assim que terminou o Governo Sarney.

O ano de 1989 inaugura a primeira eleição direta para presidente da República com a eleição de Fernando Collor de Mello. Não demorou muito para que o novo governo se transformasse em mais uma decepção para o povo brasileiro. Primeiro porque foi confiscado o dinheiro depositado em cadernetas de poupança e, em segundo, pela implantação do neoliberalismo no país.



Campanha presidencial. 1989. Florianópolis, SC. Acervo SEEF.

Três planos foram executados com o objetivo de acabar com a inflação durante os dois anos de vigência do governo Collor. Os dois primeiros planos econômicos, chamados Plano Collor I e Plano Collor II, foram criados pela então Ministra da Fazenda Zélia Cardoso de Mello. Em maio de 1991, a ministra Zélia foi substituída por Marcílio Marques Moreira, que instituiu um plano conhecido como Plano Marcílio.

Esse período corresponde a um momento único na história política e social do Brasil. Devido à intensa movimentação da sociedade brasileira, as atividades realizadas pelo sindicato voltavam-se para tais questões políticas e sociais. A redemocratização do Brasil ganhava uma nova cara. Eram os “Cara Pintada”, movimento composto por estudantes universitários e secundaristas, partidos de esquerda, sindicatos e demais movimentos sociais, que saíam às ruas gritando o “FORA COLLOR”. Era a luta pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello que saiu do governo em 28 de setembro de 1992, por acusações de corrupção em um esquema de tráfico de influência, marcando o fim das tentativas de seu governo de acabar com a hiperinflação.

Eleito vice-presidente da república, Itamar Franco assumiu a presidência interinamente entre outubro e dezem-

bro de 1992 e em caráter definitivo em 29 de dezembro de 1992, após o impeachment de Fernando Collor de Mello.

Nesse momento, o povo brasileiro criou a seguinte frase “De Fernando a Fernando o país vai afundando”, pois eram mais pacotes ou planos econômicos para cima do povo. O Plano Real foi lançado no dia 27 de fevereiro de 1994 por Itamar Franco e seu Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, através de uma medida provisória. Em 1º de julho de 1994 foi lançada uma nova moeda, o Real, e no mesmo pacote foram instituídas várias medidas, entre elas, o fim da política salarial, jogando essa responsabilidade para os sindicatos. Ou seja, tudo terá que ser negociado entre empregado e empregador, com exceção do salário mínimo e o reajuste dos aposentados.

Esse pacote econômico trouxe para os sindicatos uma mudança de estratégia para garantir os direitos dos trabalhadores. O SEEF, nesse caso, passou a participar dos Conselhos de Trabalho e Emprego, Conselho de Previdência Social etc., objetivando estar a par das discussões e decisões concernentes aos direitos dos trabalhadores. Isso dava poder de diálogo com os empregadores durante as negociações.

O Plano Real fez com que Fernando Henrique Cardoso se tornasse presidente do Brasil nas eleições de 1994.

No dia primeiro de janeiro de 1995, Fernando Henrique Cardoso tomou posse e no seu primeiro discurso fez menção ao Plano Real, projeto que acreditava ser eficaz na luta por uma estabilização econômica a longo prazo e pelas reformas que seriam levadas a cabo em seu governo como as privatizações.

Somente no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, oitenta empresas brasileiras foram privatizadas. Ao fim de seu primeiro governo (1995 – 1998), a dívida externa alcançou 30% de toda a produção interna do país (PIB).

FHC, como era conhecido o então presidente da República, conseguiu sua reeleição em 1998, e esse segundo mandato foi mais desastroso ainda. Continuaram as privatizações, o desemprego atingiu números alarmantes, e um elevado índice de corrupção política desviou investimentos das áreas da saúde, educação, transporte etc. As corrupções colocaram o Brasil entre os países do mundo que possuíam os maiores níveis de desvio de verbas públicas.

Foi com essa realidade que a era FHC chegou ao seu fim em 2002, quando ocorreram novas eleições presidenciais e o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), conseguiu em sua quarta tentativa a vitória no páreo eleitoral.

Entre o final dos anos de 1970 e o início dos anos de 1980, surge e se expande no movimento sindical o PT, cujo principal líder é Luiz Inácio Lula da Silva. O partido ganha corpo e se torna em pouco tempo uma das principais forças políticas do país, com milhares de filiados e uma incansável militância.

Depois de algumas tentativas, Lula, em 27 de outubro de 2002, foi eleito presidente do nosso país, derrotando a candidato apoiado pela situação, provando que a esperança sempre vencerá o medo. Vitória essa que contou com a participação ativa do movimento sindical brasileiro e, em Santa Catarina, com a participação do SEEF, juntamente de outros sindicatos.

Não demorou muito para o povo brasileiro descobrir que fez a escolha certa, pois em pouco tempo foi possível sentir o modo petista de governar. Com muito trabalho as conquistas foram aparecendo, como avanços nos setores de economia e inclusão social, índices históricos de crescimento econômico e, principalmente, a redução da pobreza, entre muitas outras mudanças. Isso garantiu ao ex-sindicalista 83% de aprovação popular, o maior índice alcançado por um presidente no país, refletindo positivamente na eleição de sua sucessora, a Presidenta da República, Sra. Dilma Rousseff, uma estreante nas urnas.

Dilma assume a presidência do Brasil em 1 de janeiro de 2011, em sua primeira tentativa de chegar à presidência, após derrotar o candidato do PSDB José Serra, nas eleições de 2010, com 56,05% dos votos válidos, em segundo turno. Essa eleição marcou historicamente a primeira vez que uma mulher assume o cargo de maior poder no Brasil. Dilma não assume apenas o governo, mas também a responsabilidade em dar sequência ao que vinha sendo realizado por seu antecessor. A nova Presidenta vem conseguindo manter e ampliar muitas conquistas, principalmente na área social, possibilitando que a parcela mais carente do povo brasileiro viva com mais dignidade.

Tal como um envolvimento necessário com a política do país, no plano social o SEEF também buscou engajar-se em diferentes frentes de auxílio às comunidades carentes da grande Florianópolis. Os diretores do sindicato participaram e continuam participando ativamente de Centro Comunitários, Associações de Bairro, Conselhos Comunitários, entre outros.

Durante toda sua existência o SEEF vem procurando desenvolver ações junto a estas comunidades carentes, promovendo campanhas de alimentos e brinquedos para diferentes creches.

Atualmente, tem participado de diferentes ações sociais, como a Ação Social Monte Cristo, realizada nos dias 19 e 20 de dezembro de 2013 em parceria com o Sindicato dos Empregados no Comércio de Florianópolis – SEC, Sindicato dos Trabalhadores em Auto Escolas – Sintrauto, a Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina – Fecesc e o Serviço Social do Comércio – SESC e a ONG Ação da Cidadania. Esse evento teve como objetivo a distribuição de presentes de natal para as crianças carentes do Bairro Monte Cristo. Aconteceram brincadeiras, presença do Papai Noel, teatro, pipoca e cachorro quente à vontade. O SESC trouxe profissionais em recreação infantil para animar a garotada. Foram dois dias de muita alegria para as crianças, suas famílias e para o sindicato.



Ação Social no Bairro Monte Cristo. Florianópolis, SC. Dezembro de 2013.
Acervo SEEF.

Outra ação importante é a parceria efetivada com a Orionópolis Catarinense – OCA, uma entidade social de caráter filantrópico e Eclesial, localizada à rua Frederico Afonso, n. 5568, São José, Santa Catarina. Foi fundada em 26 de outubro de 1987, a partir da Obra da Divina Providência D. Orione. Esta entidade acolhe portadores de necessidades especiais de toda a região da Grande Florianópolis, constituindo centro de referência.



Entrega de donativos para a Orionópolis. Acervo SEEF.

Esta parceria envolve a realização das festas de confraternização do sindicato, arrecadação de alimentos e outros donativos para esta entidade filantrópica.

Aqui falo de algumas ações no plano social que são desenvolvidas pelo SEEF, mas sua frente de luta nessa área é intensa e muitas outras ações ainda serão realizadas.

Negociação Coletiva

Realizamos a eleição e elegemos a primeira diretoria do sindicato. Nesse dia, aconteceu um caso engraçado. Enquanto estava sendo realizada a eleição, eu me encontrava em Itajaí, na sede do Secovi (Sindicato Patronal), negociando a nossa primeira Convenção Coletiva de Trabalho. Essa convenção já havia sido negociada pelo presidente da Fecesc e o presidente do Secovi, faltando apenas entregá-la no Ministério do Trabalho para que a mesma fosse registrada.

Quando cheguei ao Sindicato Patronal, apresentei-me e comuniquei à secretária o motivo de minha visita: “vim para pegar a Convenção Coletiva de Trabalho que provavelmente já deve estar assinada, preciso levar para registrar”. Em seguida, a secretária solicitou-me que esperasse numa sala ampla com uma mesa enorme. Logo em seguida, adentra a sala um senhor informando que o Secovi estava com nova direção, e que ele era o novo presidente daquele Sindicato. Então abriu uma pasta e tirou as Convenções ainda sem assinar e falou: vamos negociar essa convenção. Tentei argumentar, mas não tive êxito e acabamos acertando algumas cláusulas. Nada que viesse trazer algum prejuízo para os trabalhadores. Tudo acabou bem, mas foi nesse instante que senti o peso da responsabilidade e do quanto precisava me preparar para dar continuidade à luta que estávamos iniciando.

A nossa primeira Convenção Coletiva de Trabalho tinha mais de quarenta cláusulas e trazia muitos benefícios para os trabalhadores, conseqüentemente, causando impacto entre os trabalhadores, administradores e síndicos de condomínios. Para os empregadores habituados com o regime ditador do governo, achando que somente eles tinham razão e aos trabalhadores cabia apenas o dever de se submeterem às leis impostas pelo governo, a Convenção Coletiva de Trabalho era uma exigência do sindicato e só servia para fazer baderna. Os síndicos pensavam que uma convenção firmada entre dois sindicatos não deveria ser respeitada pelos condomínios. Tendo em vista que o sindicato foi criado para defender nossos direitos e melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, deve começar por uma boa Convenção Coletiva de Trabalho. Como os condôminos se negaram a cumprir a Convenção, decidimos partir para uma ação mais radical. Contratamos um escritório de advocacia especializado em direito trabalhista. Assim, começamos a luta pelo caminho da justiça, entrando com ações de cumprimento da Convenção na Justiça do Trabalho.

Não demorou muito e os processos começaram a ser julgados e, para nossa surpresa alguns Juízes do Tribunal Regional do Trabalho entendiam que o Secovi representava tão somente os condomínios comerciais; outros juízes

entendiam que representava todos os condomínios.

Tendo em vista os impasses criados pela Justiça do Trabalho, decidimos convocar os síndicos dos condomínios residenciais para uma reunião na Delegacia do Trabalho, para tentar dirimir as dúvidas existentes. Nessa reunião quase que as coisas se complicam ainda mais, porque um síndico ofendeu os trabalhadores com palavras que não devem ser repetidas, e se não fosse a interferência do Delegado do Trabalho teríamos ido “às vias de fato”. Marcamos uma segunda reunião: essa sim foi uma reunião bem sucedida, conseguimos entrar num acordo com os condomínios residenciais. Com isso o sindicato conquistou o respeito por parte dos empregadores que passaram a cumprir nossa Convenção Coletiva do Trabalho sem reclamar.

A tranquilidade, porém, não durou muito. Em 1988, foi criado o Sindicato dos Condomínios de Santa Catarina – Sindiconde, e com isso passou a haver dois sindicatos patronais representando os condomínios. O Secovi não perdeu tempo, entrou com processo pedindo a impugnação do Sindiconde. A briga entre os dois sindicatos patronais foi se arrastando por muito tempo sem que o Ministério do Trabalho desse uma solução para o problema. E como ficavam os trabalhadores diante desses impasses? A próxima negociação coletiva se aproximava e a dúvida continuava: com quem

vamos negociar a nossa Convenção Coletiva de Trabalho? Enquanto não se resolviam as coisas entre os dois sindicatos patronais, lançávamos mão do Dissídio Coletivo: uma vez contra um sindicato outra vez contra o outro, mas toda vez que um deles se achava alijado do processo pedia o arquivamento do Dissídio.

Consultamos o nosso departamento jurídico e fomos aconselhados a entrar com Processo de Dissídio Coletivo na Justiça do Trabalho contra os dois sindicatos patronais, e com isso esperar que o Tribunal tomasse uma decisão definitiva para resolver o problema. Não foi o que aconteceu, o Tribunal não tomou nenhuma decisão e pediu que optássemos por um dos sindicatos patronais. Optamos pelo Secovi que era o sindicato com o qual vínhamos negociando desde o início e, para a satisfação dos trabalhadores, as convenções foram bem aceitas pelos condomínios.

Formação Sindical

Com o passar do tempo, descobrimos que para enfrentar a luta por melhores condições de vida e trabalho, através da conquista de nossos direitos trabalhistas, precisávamos nos preparar mais. E para isso era necessário participar de um curso que tratasse sobre concepção, estrutura e prática sindical. Porém, não tínhamos nada oferecido no estado de Santa Catarina. A única alternativa era nos deslocarmos até

São Paulo e enfrentar uma semana de curso no Instituto Cajamar, que por sinal constitui uma excelente escola de formação sindical. Mas eram muitas as dificuldades para participar desses cursos. Primeiro porque o sindicato não possuía reserva financeira suficiente para custear o deslocamento e manutenção dos diretores e, segundo, não contávamos com diretores liberados no sindicato.

Nesse período, solicitei férias no meu trabalho e passei o mês todo fazendo os cursos necessários em São Paulo e Belo Horizonte. Depois que retornei, reuni a diretoria e repassei a eles todo o conteúdo que havia aprendido. Solicitei que lessem o material trazido e, quando não compreendiam o conteúdo, reuníamos-nos e discutíamos em conjunto. Assim, todos os diretores foram se conscientizando da importância do sindicato para a vida dos trabalhadores.

Com isso, descobrimos que um sindicato não é apenas um grupo de trabalhadores organizados que lutam para sobreviver, mas sim um instrumento de luta na mão dos trabalhadores. Entendemos que o sindicato, além de lutar por salários mais justos, deve buscar melhores condições de trabalho e uma vida com mais dignidade para a classe trabalhadora.

O sindicato, que bem representava a sua categoria, tam-

bém era e ainda é um instrumento de transformação da sociedade e lutava na época contra a burguesia autoritária controlada por uma ditadura militar. Brigou e briga por uma sociedade mais justa e igualitária na qual os trabalhadores e suas famílias possam ter alimentação, moradia descente, saúde e lazer. Enfim, ser um verdadeiro cidadão brasileiro conforme reza a Constituição do Brasil.

Entendemos que a organização por local de trabalho e o trabalho de base estão diretamente ligados à formação sindical, tal como pode ser lido no texto extraído do Módulo 2 do Curso de Formação de Dirigentes de Base em Transformações no Mundo do Trabalho e que segue abaixo:

Trabalho de base corresponde ao alicerce de uma construção qualquer. É muito mais do que distribuir o jornal do Sindicato na porta ou no local de trabalho. É a soma de iniciativas, conversas e ações destinadas a elevar um trabalhador comum da categoria a condição de militante do Sindicato, consciente e comprometido com a luta da sua classe. Trabalho de base significa um esforço conjugado de organização, mobilização, conscientização e educação política. Quem faz trabalho de base está, necessariamente, fazendo formação. (MOTTA; PASQUALOTO; AZEVEDO, 2000, p. 45).

Devemos lembrar que a categoria dos empregados em edifícios constitui uma base dispersa. Isso no sentido geográfico do termo, uma vez que os locais de trabalho são os edifícios residenciais e comerciais da grande Florianópolis.

Assim, torna-se difícil contar com um dirigente capacitado em cada um deles. No entanto, a experiência dos dirigentes, aliada à vontade de crescer, tornou possível encontrar um caminho que unisse a capacitação sindical e a organização por local de trabalho. Dessa forma, podemos observar que o trabalho de base desenvolvido no Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis está inteiramente ligado à formação sindical.

Até o início desse período que passou a acolher os cursos de formação, a diretoria do sindicato vinha pensando em formas de repassar os conhecimentos sobre a luta sindical, adquiridos nos últimos anos com os demais companheiros da categoria. Surgia a necessidade de preparar os integrantes dessa categoria para o enfrentamento no dia a dia no seu local de trabalho. Não bastava ter associados, precisávamos de companheiros de luta que caminhassem juntos.

O sindicato passou a participar de encontros, cursos, palestras, congressos e outras atividades destinadas à capacitação dos diretores para uma melhor atuação dentro da categoria e do movimento sindical.

Quanto à formação profissional, foram vários motivos que levaram o sindicato a adotar esse tipo de formação para

a categoria. Primeiro porque na ocasião da data-base na mesa de negociação os patrões, para não atender o que os trabalhadores estavam reivindicando, alegavam a falta de qualificação profissional da categoria; segundo porque os condomínios estavam contratando mão de obra terceirizada, justificando que os trabalhadores das empresas terceirizadas estavam mais preparados para exercerem a função; terceiro porque era uma reivindicação dos próprios trabalhadores; e quarto porque o mais importante que todo o material didático e a metodologia empregada nos cursos foram elaborados pelo sindicato, trazendo um forte cunho de política sindical em seu conteúdo.



Curso de Formação Sindical. Florianópolis/SC. 1987. Acervo SEEF.

Sua participação, enquanto promotor de formação sindical e profissional, concretizou-se a partir de 09 de junho de 1996, com o primeiro encontro dos trabalhadores em edifícios de Florianópolis e Balneário Camboriú, realizado na cidade de Balneário Camboriú, Santa Catarina. O objetivo do encontro era inicialmente discutir os problemas da categoria de ambos os municípios. Ao final do encontro, as avaliações conduziam para uma questão que envolvia a capacitação profissional dos empregados em edifícios.

Após o encontro em Balneário Camboriú, outros encontros de base foram realizados. Em todos foi constatado que a categoria enfrentava não só problemas de ordem trabalhista em seus locais de trabalho, mas começava a surgir uma necessidade de comprovar uma qualificação profissional desta. Nesses tempos, começavam a surgir as empresas prestadoras de serviços terceirizados, levando a uma gradativa substituição dos trabalhadores em edifícios.

Diante dessa realidade, a diretoria do sindicato tirou como possível solução para o problema que vinham enfrentando a realização de cursos de formação profissional para a categoria. Tais cursos tinham como objetivos contribuir na capacitação profissional da categoria que o SEEF representava, mas principalmente, trabalhar na sua aproximação junto à entidade sindical. A partir dessa constatação

o sindicato, através de convênio com a Escola Sindical Sul e a Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina, desenvolveu um programa de formação mais adequado à realidade e às necessidades concretas da categoria. O objetivo principal era a capacitação desses trabalhadores para que pudessem desenvolver seus trabalhos com mais qualidade, evitando muitos conflitos que, invariavelmente, acabam se transformando em perda do emprego. Com a implementação de cursos profissionalizantes, o sindicato buscava e ainda busca ampliar as chances no mercado de trabalho para aqueles companheiros(as) desempregados(as) ou em risco de desemprego eminente e, essencialmente, para a população com baixa escolaridade.⁷

Em meio à realização dos cursos profissionalizantes como uma estratégia para a solução de um problema vivenciado pelo sindicato, foi incluída no programa dos cursos a formação sindical, visando o fortalecimento da categoria e, conseqüentemente, da entidade sindical.

A formação sindical constitui-se em um importante instrumento para a luta sindical e um papel importante no trabalho de base. A realização dos cursos de formação pro-

⁷ Somente em 1997, o SEEF realizou seis cursos de Relações Humanas e Zeladoria, bem como quatro cursos de Legislação Aplicada em Condomínio, com a participação de 280 trabalhadores e desempregados.

fissional, bem como dos cursos de formação sindical, funcionou como instrumento para ampliar o número de sindicalizados na base.

É importante colocar que a formação profissional dos empregados em edifícios foi pensada dentro de uma ótica cutista. Os assuntos abordados trazem importantes contribuições práticas para a atuação do empregado em edifício, bem como contribuições para sua formação como cidadão atuante nesse processo histórico. A conscientização de se tornar um cidadão atuante faz com que o participante dos cursos de formação profissional inicie um processo de interação com o seu sindicato.⁸

Os cursos iniciais serviram como base para o desenvolvimento de um programa mais adequado à realidade e às necessidades concretas dos empregados em edifícios, já que o objetivo principal era e continua sendo a capacitação desses trabalhadores para que possam desenvolver o seu trabalho com qualidade. Devemos também salientar a realidade político-econômica da sociedade brasileira, em que a crise atinge pontualmente o trabalhador, aumentando o índice de desemprego.

⁸ A partir dessa experiência inicial, os cursos foram reformulados e aplicados novamente em 1998 com resultados muito satisfatórios. Foram aplicados quinze cursos de 80 horas atingindo um público de 600 trabalhadores e desempregados.



Curso de Formação Profissional em Zeladoria. Agosto/2007. Acervo SEEF.

Após essa primeira iniciativa, iniciou-se um período frutífero para a entidade sindical. A Formação Sindical passava a constituir-se em um importante instrumento para a luta sindical, assumindo um papel importante no trabalho de base. A realização dos cursos de formação profissional, bem como dos cursos de capacitação para dirigente sindical de base, agiram como instrumento para ampliar o número de sindicalizados na base, bem como passaram a facilitar a organização por local de trabalho em cada bairro da região.



Diretoria do SEEF em Curso de Formação Sindical. Escola Sindical Sul da CUT, Ponta das Canas, Florianópolis, SC. 1997. Acervo SEEF.

Hoje, nos planejamentos realizados pelo sindicato, a formação é prioridade número um na sua luta diária por melhores condições de vida e trabalho para a categoria dos empregados em edifícios de Florianópolis, constituindo mais uma importante conquista. Nas negociações coletivas de trabalho, a entidade conseguiu incluir uma cláusula que trata da formação profissional dos trabalhadores dessa categoria. Os condomínios são obrigados a liberar seus empregados, sem prejuízo de seus salários, num total de quarenta horas, durante a vigência da Convenção Coletiva de Trabalho, para a participação dos mesmos em cursos de formação profissional, promovido pelo sindicato. Assim, o sindicato entra no século XXI atuando fortemente na formação sindical, viabilizando uma maior participação da categoria nas lutas sindicais.

O trabalhador por si só, muitas vezes procura a entidade não somente para filiar-se, mas para iniciar sua capacitação sindical e participar dos trabalhos de base junto a direção do sindicato.

A Formação Profissional implementada pelo Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis engloba temas como Relações Humanas, Comunicação, Ética Profissional, Cidadania, Noções de Combate a Incêndio, Noções de Primeiros Socorros, Direitos e Deveres dos Empregados em Edifícios, Convenção e Regimento Interno dos Condomínios.

Com relação à Formação Sindical, são trabalhados os seguintes temas: como Funciona a Sociedade, História de luta dos Trabalhadores, Realidade no Mundo do Trabalho, Organização Sindical, Trabalho de Base, Organização por Local de Trabalho, Legislação Trabalhista e Qual é o Papel do Sindicato e dos Dirigentes Sindicais, entre outros divididos em três ou mais módulos que compõem o Curso de Formação de Dirigentes de Base. O curso foi desenvolvido pela Escola Sindical Sul da CUT, através do Projeto Aliance no período de 2000 a 2001.

O projeto nos ajudou a dar novos rumos à classe de trabalhadores nos condomínios. A cada ano possibilitamos dar conhecimentos por meio de cursos, palestras e seminários. Hoje, podemos afirmar que a maioria desses trabalhadores está ciente sobre seus direitos e deveres. Essa é a

intenção: manter os associados, além de bem informados, com conhecimento suficiente para defender seus direitos, conscientes de quando e como cumprir com seus deveres para com o condomínio. A formação trouxe trabalhadores mais esclarecidos que podem contribuir melhor para que seu trabalho seja mais eficiente e eficaz e, em contrapartida, podem obter respeito e o reconhecimento por parte dos empregadores do condomínio.

Visando a ampliação da formação, tanto profissional como sindical, precisávamos dar mais prioridade à formação e, para que isso pudesse ser implantado, tínhamos que promover algumas alterações na administração do sindicato, mais precisamente na diretoria. Tal alteração ocorreu com a nova diretoria que assumiu a administração no dia 06 de junho de 2000. A partir dessa data a presidência do sindicato passava para as mãos do companheiro Rogério Vieira, zelador do condomínio Flores, localizado no Bairro Ingleses, que até então vinha exercendo a função como diretor liberado para o sindicato.

Dessa forma, foi possível realizar um novo sonho, de assumir a Secretaria de Formação e fazer aquilo que realmente gosto: multiplicar meus conhecimentos com os trabalhadores através de cursos de formação. Com essa mudança, foi possível dedicar noventa por cento do meu tempo com a formação. Conseguimos, naquele mandato (2000 a 2003),

triplicar o número de cursos com a participação de mais de quinhentos trabalhadores, aumentando consideravelmente o número de filiados.

Em abril de 2004, renunciei ao cargo de diretor de formação sindical do SEEF, deixando de ser um diretor liberado para o sindicato. Procurei o Condomínio no qual ainda mantinha meu vínculo empregatício e pedi uma licença sem remuneração. Em seguida, passei a ministrar cursos de formação sindical para todos os sindicatos de trabalhadores no comércio filiados à CUT no Estado de Santa Catarina e também para outras categorias tais como: Vigilantes, Asseio e Conservação, Metalúrgicos, Construção e Mobiliário entre outros. Também fiz parte de um projeto elaborado pela Escola Sindical Sul da CUT, chamado de Mutirão de Formação, aplicando cursos para muitos trabalhadores em Santa Catarina.

Nesse período, assumiram a formação sindical e profissional do nosso sindicato os companheiros Gilberto Maçaneiro e Domingos Micaella. Outra ação do sindicato nesse período foi a implantação de uma programação de cursos de Língua Espanhola, tendo em vista o grande número de trabalhadores nos balneários de Florianópolis e a quantidade de turistas que frequentam nosso Município, fazendo-se necessária a capacitação em língua estrangeira para os trabalhadores em edifícios, sendo aplicados até os dias atuais.

Em janeiro de 2003 aconteceu um evento muito impor-

tante para a sociedade brasileira, realizado na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi no Fórum Mundial de Educação que percebi o quanto tinha aprendido nas andanças dos cursos de formação, pois fui convidado a escrever um texto⁹ sobre a experiência de formação no SEEF e lá apresentá-lo. Confesso que foi uma grande empreitada, pois, quem me conhece, sabe que não conclui meus estudos, sendo difícil colocar no papel o conhecimento que adquiri e vivenciei com diferentes pessoas. Mas consegui realizar mais este feito e, dessa forma, foi possível compartilhar esta experiência de formação do SEEF com muitas pessoas de diversos lugares do Brasil e exterior. Espero que tal experiência tenha gerado frutos para o melhor desenvolvimento da educação em nosso país.



Fórum Mundial de Educação. Janeiro de 2003. Acervo SEEF.

⁹ Anexo 6: Texto apresentado no Fórum Mundial de Educação.

Nunca devemos esquecer que uma pessoa se torna livre e sábia quando começa a andar com os próprios pés. Em geral, quem está no poder prefere gente obediente e conformada, porque é fácil manobrar uma população domesticada.

A finalidade do trabalho de base é despertar a dignidade das pessoas, a confiança nos seus valores e no seu potencial. Mas é também organizar a rebeldia popular contra a injustiça e construir uma nova convivência entre os povos sem exploração, sem discriminação e sem preconceitos.

Todo mundo luta para livrar-se da opressão porque ninguém se acostuma com a escravidão. Algumas vezes, diz-se que o povo não quer nada. Mas os oprimidos batalham pela saúde, pela comida, pela dignidade, pela terra, pela moradia, para livrar-se da opressão, mesmo quando correm atrás da ilusão (promessas, salvadores etc.). Mesmo sem ter consciência o povo guarda no peito uma indignação reprimida. A luta começa lá onde acontece a exploração e a dominação. Ninguém luta porque gosta, mas porque se vê obrigado pela necessidade e o povo não deixa de lutar, procura sempre um jeito para sair do aperto. Luta para continuar vivendo e ser reconhecido como gente. E assim falamos de proporcionar às pessoas a cidadania.

Uma pessoa consciente de sua cidadania é aquela que continuamente busca sua própria identidade e participa na construção da identidade de um grupo; domina instrumentos para participar utilmente na sociedade; sabe que faz parte de um grupo social, respeita seus semelhantes, tem consciência da existência de estruturas sociais e se propõe a construí-las em conjunto com os outros.

O trabalho de formação efetivado pelo sindicato leva em sua essência os ensinamentos do educador Paulo Freire, para quem o educar é também educar-se:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

FREIRE, 1999, p. 68).

Acreditamos, também, que o sindicato pode e deve contribuir para que as pessoas se eduquem. Eu não tenho dúvidas de que o nosso sindicato está cumprindo o seu papel na educação dos trabalhadores, principalmente, com relação à formação profissional, garantindo com isso que os trabalhadores não percam seus empregos por falta de qualificação. Outro trabalho importante que o nosso sindicato vem realizando é qualificar os desempregados, fazendo

com que esses companheiros sejam integrados novamente no mercado de trabalho.¹⁰

Comunicação

Elaboramos o nosso primeiro jornalzinho em abril de 1984. Era uma folha de papel A4 com um conteúdo simples, mas de fácil interpretação, porque falava do dia a dia do trabalhador, de seus problemas no local de trabalho e dos seus direitos. Mas, principalmente, falava sobre a importância que o sindicato teria em suas vidas e de seus familiares. Ou seja, o principal objetivo do jornal era conscientizar os trabalhadores de que, quanto mais forte o sindicato, mais conquistas para a categoria. A distribuição do jornalzinho era feita pelos próprios diretores em todos os locais de trabalho e com isso facilitava a comunicação entre trabalhador e sindicato. A notícia corria de boca em boca e o sindicato foi aos poucos adquirindo força e os trabalhadores passaram a ter interesse na entidade de sua classe.

¹⁰ Segue anexo o texto produzido pela equipe de formação do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista, que foi e é largamente utilizado em cursos de formação sindical, principalmente pelo SEEF, para a construção de valores sociais, políticos e culturais junto aos companheiros sindicalistas. (Anexo 7).

JORNAL dos EMPREGADOS EM EDIFÍCIOS

ÓRGÃO INFORMATIVO DO SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS Nº 1 ABRIL/84

CHEGOU

Companheiros, fundamos nosso sindicato. No dia 3 de abril de 1984, numa Assembléia Geral realizada na sede da Associação Catarinense de Medicina, em Florianópolis, às 20 horas, aproximadamente 50 trabalhadores em Edifícios aprovaram a criação do nosso SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS.

Foi eleita uma diretoria provisória que ficou assim constituída: **Presidente** Carlos Alberto da Silva; **Secretário** Adolar Francisco Waltrich; **Tesoureiro** Ademar Weber.

O Sindicato está funcionando provisoriamente na sede da Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina, na Av. Mauro Ramos - Pça. Erelvina Luz nº5 (em frente ao Banco Redondo), fone 228677. Foi aprovado também, na Assembléia Geral, o valor da mensalidade social, ficando estabelecido o valor de R\$ 500,00, que será cobrado a partir do mês de abril.

Venha participar do Sindicato, ele só será forte com a sua ajuda. Preencha a ficha de sócio com a diretoria ou na sede.



O SINDICATO
ORGANIZA NOSSAS
LUTAS!

MINISTÉRIO DO TRABALHO

EMITIRÁ NOSSA CARTA SINDICAL

O processo de criação do Sindicato já está na delegacia Regional do Trabalho. Vai ser remetido ao Ministério do Trabalho, para ser emitida a Carta Sindical.

Esperamos que saia logo, pois a partir daí NOSSO SINDICATO estará plenamente oficializado para funcionar. Vamos realizar eleições para compor uma diretoria definitiva. Vamos chamar os patrões e negociar uma Convenção Coletiva de Trabalho (nossos reajustes, melhores condições de trabalho, horas extras, adicional de insalubridade, etc.)

Os companheiros devem participar do Sindicato, indo nas reuniões, assembléias, apresentando suas sugestões, fazendo críticas quando for o caso. Vamos fazer um levantamento na categoria para saber o que vamos reivindicar.

TODO MUNDO NA ASSEMBLÉIA!



DIA 8 DE MAIO AS 20 HORAS
LOCAL: SEDE DA FECESC - Av. Mauro
Ramos - Pça Erelvina Luz, 5.
SERÃO DISCUTIDOS VÁRIOS ASSUNTOS
DE SEU INTERESSE!

Hoje, prestes a completar trinta anos, muitas coisas mudaram para melhor em nosso sindicato, apresentando-se mais estruturado com três funcionárias competentes, dois diretores liberados à disposição dos trabalhadores, quatro salas equipadas com computadores e ar condicionado para atender melhor os trabalhadores, dois automóveis para dar mais agilidade no atendimento aos trabalhadores espalhados nos quatro municípios de representação do sindicato.

Acreditem, mesmo tendo computador e página na internet, podendo usar as redes sociais, preferimos a velha estratégia usada por sindicatos mais combativos que é entregar o jornalzinho, panfletos, cartões de aniversário, do dia das mães, dia dos pais, de Natal, dia internacional da mulher e dia primeiro de maio – dia do trabalhador, diretamente nas mãos dos trabalhadores em seus locais de trabalho. Entendemos o contato pessoal como imprescindível para construir laços com nossos associados.

O trabalho realizado por nossos diretores liberados e os não liberados ao entregarem esses materiais diretamente nas mãos dos trabalhadores consiste no verdadeiro trabalho de base e isso diferencia o SEEF de muitos sindicatos.



SEEF

Notícias do sindicato

Sindicato dos Empregados em Edifícios e em Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis de Florianópolis/SC

Janeiro e Fevereiro de 2014 - Informativo nº 124

Filiado à CUT, Fecesc, Contracs e Dieese

Assembleias para definir a pauta de reivindicações

Estamos iniciando mais um ano e precisamos definir nossas pautas de reivindicações. Precisamos tirar três pautas específicas para que possamos negociar com os representantes patronais, uma pauta para os trabalhadores em condomínios, uma para os trabalhadores em imobiliárias e uma para os trabalhadores de Shopping.

A nossa data base é no mês de maio e precisamos fazer nossas assembleias em março para definir nossa pauta e encaminhar para os sindicatos patronais.



Agende-se e participe: sua presença é fundamental e indispensável, não deixe que os outros decidam por você!

Palhoça

Dia: 06 de março de 2014

Local: Colégio Estadual Governador Ivo Silveira

Endereço: Av. Barão do Rio Branco, 96
Centro de Palhoça

Horário: 19h30

São José

Dia: 20 de março de 2014

Local: Colégio Laércio Caldeira de Andrade

Endereço: Av. Brigadeiro Silva Paes, 5461
Campinas – São José

Horário: 19h30

Biguaçu

Dia: 13 de março de 2014

Local: Colégio Professora Maria da Glória Veríssimo de Farias

Endereço: Rua: João Born, 225 – Centro de Biguaçu

Horário: 19h30

Florianópolis

Dia: 27 de março de 2014

Local: Auditório da FECESC

Endereço: Av. Mauro Ramos, 1624
Centro - Florianópolis

Horário: 19h30

11 de Fevereiro - Dia do Zelador/a

A direção do SEEF parabeniza à todos os zeladores e zeladoras e os demais trabalhadores de condomínios por seu trabalho e dedicação ao patrimônio e ao bem estar dos condôminos!

Que estejamos sempre juntos lutando por melhores condições de trabalho para todos!



PARTE III – As lutas de hoje

*Não quero que vocês pensem
Que a maré é mansa agora
Se facilitarem um pouco
Seus salários vão embora*

*O explorador está sempre alerta
Sua intenção é lucrar e crescer
Se não ganhar o lucro na hora
Quem vai pagar a conta é você*

*Nossa vida de trabalhador
Há séculos vem sendo buscada
Paz respeito e tranquilidade
Nesta nossa pátria amada*

(TWeber, 2014)

Quando criamos o sindicato, encontramos uma categoria desanimada, sem muita perspectiva de ter uma vida melhor, com mais dignidade. Trabalhando até quinze horas por dia sem a devida remuneração por esse trabalho extraordinário, os mais prejudicados eram os trabalhadores que residiam nas dependências do condomínio. Nesse caso, os condôminos achavam que eles deveriam trabalhar vinte e quatro horas por dia sem a devida remuneração correspondente.

O sindicato não se calou e tratou de procurar meios legais para defender sua categoria e hoje tem muito orgulho de manter um competente e dedicado departamento

jurídico, graças a esses advogados que não mediram esforços e ingressaram com muitas ações individuais e coletivas na Justiça do Trabalho, exigindo o cumprimento de Convenções, Dissídios e Acordos Coletivos de Trabalho. Hoje, com raras exceções, os empregadores não cometem mais esse tipo de irregularidade, primeiro porque são orientados pelo sindicato patronal e, segundo, porque o Sindicato dos Empregados está sempre alerta e mantém uma fiscalização eficiente, bastando o trabalhador dar o sinal, que o sindicato entra em ação.

Hoje, podemos dizer que o Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis é um sindicato forte e muito respeitado pela classe patronal porque se fez respeitar. Sua organização serve de exemplo para outros sindicatos, pois conta hoje com uma excelente estrutura para atender bem os trabalhadores, com um ótimo atendimento por parte das dedicadas funcionárias e muito bem administrado pela atual diretoria.

Está sempre presente em todas as atividades, quando é solicitado pela categoria, por outros sindicatos quando precisam de ajuda, ou pelas entidades às quais é filiado, participa de vários conselhos, entre eles o Conselho de Trabalho e Emprego e o Conselho da Previdência Social; alguns de seus diretores participam também de associações de mora-

dores e conselhos comunitários. O SEEF sempre participou e participa de oposições sindicais quando é solicitado pela central à qual é filiado, pela federação ou por outros sindicatos quando o assunto é a defesa da classe trabalhadora. E o mais importante: hoje a categoria considera o sindicato um instrumento de luta e conquista dos direitos para os trabalhadores.

Os trabalhadores em condomínios

Depois de tanto falar sobre os trabalhadores em edifícios, talvez caiba colocar algumas linhas sobre quem são eles. Para entender melhor, vamos falar um pouco desses companheiros, quais funções exercem nos condomínios, entre outras informações.

Vamos começar falando um pouco sobre o zelador. Quem é esse companheiro? É o empregado que tem contato direto com a administração do condomínio, através dos proprietários, síndicos ou seus representantes legais. É também responsável por dar atendimento aos condôminos, proprietários e moradores do condomínio, orientando os mesmos sobre a convenção e o regimento interno do condomínio; transmite as ordens provenientes de seus superiores hierárquicos e fiscaliza o seu cumprimento; em muitos condomínios é de sua responsabilidade a seleção e treinamento com cuidado e critério de novos empregados

que serão admitidos no condomínio; é dever do zelador comunicar ao síndico ou à empresa administradora qualquer irregularidade no condomínio – é preciso ser dedicado à sua função, zelando pelo condomínio como se fosse sua casa; orienta os demais funcionários quanto à aparência pessoal e conduta, sendo o primeiro a dar o exemplo; dar cumprimento às normas estabelecidas no regimento interno, fazendo com que os ocupantes do condomínio as obedeam; acompanhar mudanças que forem realizadas no condomínio, de modo a preservar suas instalações; acompanhar e fiscalizar serviços de reparos e manutenção das partes comuns do condomínio, suspendendo esse trabalho em caso de irregularidade; manter sob sua guarda o livro de registro e a ficha de relação de ocupantes do condomínio, não permitindo, sob qualquer pretexto, sua retirada da zeladoria, salvo atendendo ordem judicial; comunicar aos setores competentes quaisquer irregularidades que ocorram próximo ao condomínio e que, eventualmente, possam ocasionar prejuízos ou danos ao imóvel ou moradores; atender fiscais das repartições públicas com o devido acatamento.

Sobre o porteiro diurno de condomínio. Esse profissional é o empregado que executa os serviços de portaria, tais como: receber a correspondência dos moradores, transmitir e cumprir as ordens recebidas do zelador ou superiores

hierárquicos, fiscalizar a entrada e saída de pessoas, receber e dar conhecimento ao zelador de todas as reclamações e ocorrências que se verificarem no condomínio.

O porteiro noturno de condomínio é o empregado que exerce a vigilância em todas as dependências comuns do condomínio. É responsável pela segurança dos bens comuns, pela boa ordem e respeito entre usuários e os moradores e, durante a noite, controla a entrada e saída de pessoas.

O trabalho desses dois profissionais, tanto o porteiro diurno quanto o noturno, é muito estressante porque não é fácil trabalhar doze horas em frente a um monitor controlando dezenas de câmeras, sem contar que trabalha na frente do condomínio, e em caso de um assalto ele será o primeiro a ser atingido.

Ascensorista de condomínio é o empregado que conduz o elevador, zela pelo seu bom funcionamento, transmite ao zelador qualquer defeito quanto a parte mecânica, bem como qualquer irregularidade que possa alterar a segurança e o bom funcionamento do equipamento. Quando falamos de defeitos mecânicos, não quer dizer que o funcionário tenha que entender de mecânica, mas pelo simples fato de permanecer seis horas diárias dentro do elevador ele co-

nhece qualquer barulho diferente que possa aparecer.

O faxineiro de condomínio é o empregado que executa os serviços de limpeza e conservação das partes comuns do condomínio. Esse talvez seja o trabalho mais pesado e cansativo para ser executado no condomínio, por isso em alguns casos é exercido por homens.

O guarda de condomínio executa o serviço de vigilância do condomínio durante o dia. É serviço muito comum nos grandes condomínios comerciais, como em Shopping Center, por exemplo.

O garagista controla a entrada e saída dos carros na garagem. Faz o cadastramento de todos os carros com os seus respectivos boxes, sendo responsável pela ordem da garagem.

Alguns condomínios possuem também manobrista. Esse é o empregado que executa os serviços de manobra dos carros nas dependências da garagem.

Muitos condomínios contratam jardineiros, que ficam responsáveis pela jardinagem no condomínio, em funções como aparar a grama, em época certa fazer a poda das plantas e quando necessário realizar a recolocação de mudas, entre outras tarefas.

Além de todas estas atividades exercidas pelos trabalhadores, atividades exigidas por força do contrato de trabalho, outro papel que é exercido e talvez seja o mais importante de todos, pelo menos para muitos condôminos, é o alto grau de confiabilidade entre trabalhadores e condôminos, por exemplo: o filho de um morador jogando bola na quadra do condomínio, andando de bicicleta, tomando banho na piscina sofre um acidente. Quem é a primeira pessoa a socorrê-lo? Com certeza é o zelador ou o porteiro, ou seja, um empregado do condomínio. Esses trabalhadores, além de estarem atentos a essas ocorrências, estão preparados para prestarem os primeiros socorros. Outro exemplo de confiabilidade: quando saem de viagem, alguns moradores costumam solicitar para alguém entrar em seus apartamentos e molhar as plantas, dar comida para algum animalzinho de estimação. Geralmente a chave é entregue a um empregado do condomínio. Porém, infelizmente, nem todos os condôminos reconhecem esses valores em seus empregados.

Os empregados em condomínios, em sua maioria, são pessoas simples e humildes, mas que se dedicam ao condomínio como se fosse propriedade sua. No entanto, muitos condomínios da região da grande Florianópolis não respeitam esses trabalhadores como eles merecem. Só porque alguns trabalhadores moram no condomínio onde trabalham,

alguns síndicos e condôminos acham que eles são obrigados a trabalhar vinte e quatro horas sem direito algum.

O descanso é necessário para a recuperação do organismo humano, um fato comprovado pela medicina do trabalho, que diz ser imprescindível relaxar para evitar as doenças acometidas no ambiente de trabalho. Todo trabalhador e trabalhadora tem o direito à folga e dela deve gozar. E, nesse caso, a saúde no ambiente de trabalho não diz respeito apenas ao dia de folga, traz uma série de cuidados que devemos ter para evitar os transtornos das lesões por esforço repetitivo, acidentes e também o estresse físico e emocional.

Todos nós, trabalhadores, temos nosso dia de folga. Nesse dia saímos para passear com a família ou amigos, ficamos em casa assistindo TV ou recebemos os parentes para um almoço alegre e descontraído. Tudo isso está em nosso direito de liberdade, de cidadãos livres que somos.

Embora os trabalhadores de condomínio gozem do seu direito ao dia de folga, alguns deles estão tendo esse direito limitado. Vou lhes contar um pequeno fato ocorrido com a forma como os zeladores de edifícios veem sendo tratados em alguns condomínios considerados de luxo aqui em Florianópolis e que têm me tirado o sono.

Cabe lembrar, caríssimo leitor, que o trabalho de zeladoria vai além da simples administração dos demais funcionários. Cabe a ele atender as necessidades dos moradores, zelando pelo bom funcionamento do condomínio (bombas de água, luzes, elevadores, etc.), para que não ofereçam perigo ou desconforto aos seus usuários. Em alguns condomínios, o zelador ocupa um apartamento específico para morar com sua família e assim exercer um atendimento mais pontual às necessidades dos moradores.

O que ocorre é que esses zeladores estão sendo privados do direito de receber em suas moradias seus parentes e amigos para um simples almoço ou jantar. Após uma semana dedicada ao trabalho no condomínio atendendo aos moradores e suas famílias, zelando para o seu conforto e segurança, o zelador não tem tido permissão para receber visitas em sua residência. O fato está ocorrendo em alguns condomínios que oferecem moradia ao zelador e sua família.

Tal injustiça me fez lembrar sobre o conteúdo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que inicia fazendo referência à dignidade humana como um direito de todos os membros de uma família e ressalta que possuir “direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo” (DDH, 2014, p. 1). Se todos nós, e incluo neste hall os moradores dos condomínios que

muitas vezes também são trabalhadores, temos o direito à folga e a fazer dela o que quisermos sem a interferência de nossos patrões, por que o zelador de edifício não pode receber um amigo ou parente em sua residência para se descontraírem? Não está aí uma ofensa ao texto da Declaração dos Direitos Humanos? Liberdade é para todos, independente de sua origem étnica, sexo, convicção política ou país e não para alguns poucos humanos na terra. Onde está a “fé nos direitos fundamentais humanos, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres” (DDH, 2014, p. 1) citada no preâmbulo da referida declaração?

Se todos os seres humanos são considerados sujeitos livres e iguais em dignidade e direitos, onde fica o direito do zelador receber visitas? Os direitos de liberdade, dignidade, de ir e vir, de propriedade, de não sofrer discriminação de espécie alguma são assegurados pela Declaração. A privação do direito de receber um amigo ou parente é discriminação.

Dentro de nossa casa, temos o direito de fazer o que quisermos, desde que não afetando a liberdade e os direitos do outro. Não podemos admitir que nossa vida privada, nossa família, nosso modo de viver, sofram arbitrariedades como esta. O lazer e o repouso não são apenas preocupações da medicina do trabalho, a Declaração dos Direitos Hu-

manos também resguarda esse direito. Podemos entender que estaria aí garantido também a confraternização com a família e amigos dentro de nossa própria casa, mesmo esta sendo parte de um salário.

Peço aos caros leitores que pensem sobre o fato não apenas como mais uma notícia, mas como fator presente em nossa sociedade. Se a Declaração dos Direitos Humanos visa garantir que todo ser humano tenha direitos iguais, vamos nos declarar contrários a esse tipo de conduta discriminadora presente nos condomínios de Florianópolis. O zelador, como qualquer outro trabalhador, deve ser respeitado e não humilhado com a privação do seu direito à liberdade.

PARTE IV – Depoimentos

*Feliz de quem tem amigos
E com eles podem contar
Porque para escrever este livro
Muitos vieram me ajudar
Aos que escreveram comigo
Grande obrigado meus amigos
Também tem quem me falou
Dessa forma muito incentivou
Agradeço a todos com muito respeito
Mas ir à luta ainda é o meu preceito*

(TWeber, 2014b)

Nesta parte do livro ofereço espaço para dar voz aos companheiros que foram mais que personagens da história do SEEF. Foram acima de tudo, empreendedores na sua construção e crescimento ao longo destas três décadas. Neste espaço, serão inseridos seus depoimentos sobre o SEEF e sua participação em sua história. Passo a palavra a vocês que também são o sindicato.

Basta acreditar que a transformação acontece!

Até o ano de 1996, eu não me importava com nada relacionado a sindicato. Não me preocupava com imposto, contribuição sindical, nunca procurei saber se tinha sindicato nas

categorias em que trabalhei, nunca fui associado. Em 1996, fui convidado a participar do Curso de Zeladoria do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis (SEEF).

Me inscrevi e participei de todo o curso. A partir de então comecei a conhecer e a participar das atividades do sindicato, nas assembleias, festas e do time de futebol.

No início de 1997 fui convidado para fazer parte da chapa que concorreria às eleições daquele ano. Mesmo sem muita convicção, aceitei e me inscrevi junto a outros trabalhadores em edifícios. Fomos eleitos com chapa única e me tornei dirigente sindical de base até o ano de 2001. Naquele ano fui convidado para trabalhar no sindicato como diretor liberado. Então, já sabendo o que era sindicato e qual era a sua função aceitei o desafio. Nesses 17 anos de sindicato aprendi muitas coisas que, até então, não imaginava serem tão importantes. Coisas como solidariedade, companheirismo e luta de classe. Três coisas tão essenciais na formação de um dirigente sindical.

Ao longo do tempo muitas coisas se passaram, muitas lutas, muitas derrotas e muitas vitórias. Hoje o sindicato tem a sua credibilidade e a sua independência diante dos síndicos, administradores de condomínios e donos de imobiliárias da grande Florianópolis. Temos uma estrutura

compatível com o tamanho do sindicato, mas temos que melhorar ainda mais, pois a nossa base é muito espalhada nos quatro municípios e precisamos diminuir a distância entre os trabalhadores e o sindicato. Temos feito campanha de sindicalização permanente, oferecemos cursos de capacitação aos trabalhadores com o objetivo de fortalecer e aproximá-los do sindicato.

O SEEF, ao longo da sua história, tem se fortalecido dentro do meio sindical estadual e nacional através das participações políticas junto à nossa federação, a Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina – Fecesc, à nossa confederação, a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços – Contracs e à nossa central sindical, a Central Única dos Trabalhadores – CUT. Também vem contribuindo em alguns conselhos de políticas públicas municipais e estadual. Temos a clareza de que fizemos muito pelos trabalhadores da nossa categoria e do nosso estado. Mas sabemos que há muito para se fazer, que muitas necessidades dos trabalhadores ainda não foram superadas, como a redução da jornada sem redução de salários, vale refeição, ações de prevenção e segurança no trabalho, entre outras. Não podemos desviar o olhar dos nossos objetivos, porque os empresários e seus representantes políticos estão diuturnamente tentando tirar os direitos conquistados

com o suor e sangue dos trabalhadores. Sabemos que a luta é árdua e permanente, mas o resultado tem sido e continuará sendo o resultado da união e do esforço dos trabalhadores e seus dirigentes.

Portanto, não há outro meio de vencer senão a união, a solidariedade e a compreensão de que lado nós estamos, de quem somos e o que queremos. A partir desse princípio, temos a certeza de que este sindicato continuará na luta em defesa incondicional da classe trabalhadora. Esse é o nosso compromisso e o nosso objetivo de a cada dia defender e melhorar a vida dos trabalhadores e seus familiares.

Rogério Manoel Corrêa
Presidente SEEF – Gestão 2012/2015

Dedicação e perseverança

Falar ou escrever sobre o SEEF é reconhecer o comprometimento da categoria nas lutas da classe trabalhadora. Em todas as ações – debates, mobilizações, representações em espaços de políticas públicas, eleições sindicais, entre outras – a direção da CUT sempre contou com a participação efetiva de companheiros do SEEF. A dedicação e seriedade com que suas lideranças conduzem o sindicato, com trabalho de base e negociações em centenas de estabelecimentos empregadores é, para a CUT, exemplo que

muito nos orgulha.

Assim como o Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Santa Catarina – SINTE, o SEEF é o mais antigo sindicato da capital filiado à CUT, 03 de abril de 1984, que se mantém filiado e participando das lutas da Central. Escrever sobre a história do SEEF é escrever sobre a história da CUT e vice-versa. Portanto, nosso agradecimento e reconhecimento aos trabalhadores e trabalhadoras empregados/as em edifícios e imobiliárias de Florianópolis e Região, pela sua importância na história de lutas da CUT. Lutas por salários, por condições de trabalho, por ampliação do acesso aos direitos fundamentais – como saúde e educação –, pela redemocratização do país e pela construção de uma sociedade justa, que assegure crescimento econômico com distribuição de renda e responsabilidade com a preservação nas nossas riquezas naturais.

Neudi Antônio Giachini
Presidente da CUT SC

Valeu a pena abraçar esta causa e acreditar nos companheiros!

Eu comecei a trabalhar na assessoria sindical da Fecesc em março de 1983. Na época, o nome era Federação dos Empregados no Comércio, pois só tinha sindicato de

comerciários em sua base. Uma das minhas principais funções era articular outras categorias profissionais da área de serviços que tivessem no mesmo Grupo: Agentes Autônomos no Comércio e Turismo e Hospitalidade de Trabalho já que havia sido definido pelo Ministério do Trabalho que poderia ser representado legalmente pela Federação. Com isso, ampliaríamos a base de representação da Fecesc, transformando no que ela é hoje: a Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina. A sigla Fecesc permaneceu a mesma.

A primeira categoria que conseguimos articular foram os vigilantes que se mobilizaram numa greve que considero histórica, pois foi radicalizada, durou um tempo enorme para a época (estávamos saindo da Ditadura Militar), nem a CUT tinha sido fundada ainda. Nessa greve, a direção da Fecesc e sua assessoria Jurídica, eu, imprensa e seus funcionários nos envolvemos diretamente, inclusive participando da negociação. Se não me engano, a Fecesc foi quem assinou o acordo, pois não existia Sindicato dos Vigilantes, que logo após a greve foi fundado, passando a ser o primeiro sindicato filiado a Fecesc que não era comerciário propriamente dito.

Nesse contexto, e acho que durante ou logo após a greve dos vigilantes, começamos os primeiros contatos com trabalhadores em edifícios e condomínios, visando a criação de um

sindicato da categoria. A partir desses primeiros contatos, começamos a “mapear” e procurar pessoas interessadas em levar a questão adiante. Lembro que eram poucos, não vou lembrar os nomes: mas tinha o Ademar, o Nolfrido, o Olimpio que era pai do Atair funcionário da Fecesc. Eram poucos, mas valerosos companheiros que “abraçaram a causa”. Eu, como parte do meu trabalho, percorria os prédios, com um panfleto em preto e branco, mimeografado muito simples, que explicava em poucas palavras o que era um sindicato, para que servia, seus objetivos básicos e o porquê da necessidade de se criar um Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis.

Naquela época, Florianópolis não vivia esta explosão imobiliária de hoje. Mesmo assim, eu lembro que, para convencer as pessoas a preencher a ficha e se filiarem ao futuro sindicato, era preciso dizer que ele poderia ser um dos maiores sindicatos da cidade. Era um trabalho de “formiguinha”, prédio por prédio, batendo em porteiros eletrônicos, levando um não na maioria das vezes, mas não desistimos. Percorremos a Beira-mar algumas vezes em todos aqueles prédios. Os síndicos nos boicotavam e faziam pressão para os empregados não assinarem as fichas de filiação.

A adesão das empregadas mulheres foi muito baixa, poucas se envolveram, a maioria eram homens. O envolvimento das lideranças citadas acima foi fundamental, pois o “boca a

boca” funcionou. Nessa época não tinha internet, celular etc., era contato direto mesmo. Um indicava o outro e íamos indo.

Logo começamos a organizar pequenas reuniões, sempre à noite, na sede da Fecesc. No começo pouca gente, mas aos poucos foi aumentando. Fizemos alguns cursos de Formação Sindical, bem básicos, discutimos o papel dos sindicatos e a história do sindicalismo. Essas ações foram fundamentais para todos tomarem consciência do passo importante que estavam dando em suas vidas e o papel histórico que estavam desempenhando.

A partir disso, com fichas de filiação com o número suficiente para legalizarmos a criação do sindicato realizamos a assembleia de Fundação da Associação dos Empregados em Edifícios de Florianópolis, e com isso conseguimos seu registro na Delegacia Regional do Trabalho (DRT). Passados poucos meses, aumentamos o número de filiados e finalmente conseguimos realizar a assembleia de fundação do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis, elegendo sua primeira diretoria que teve o Ademar como seu primeiro Presidente.

Logo, o sindicato já começou a funcionar na prática na sede da Fecesc, atendendo a categoria, com homologações, orientações e já assinando a sua primeira convenção coletiva.

Para mim até hoje é uma honra ter participado desse movimento. Cito esta experiência até hoje nas atividades sindicais que participo, como exemplo de uma categoria dispersa, sem nenhuma tradição de luta, que não era valorizada dentro do próprio movimento sindical e conseguiu se organizar a partir de um conjunto de pessoas abnegadas que foram e ainda são seus dirigentes, se transformando naquilo que a gente dizia no início: num dos principais e mais importantes sindicatos de Florianópolis e de Santa Catarina.

Vida longa ao Sindicato dos Empregados em Edifícios.

Boa Luta!!!!

Nelson Brum Motta
Ex-assessor Sindical da Fecesc

Saber construído já pode ser lido!

Ao decidir escrever este livro, revelando as experiências vivenciadas pelos trabalhadores em edifícios, Ademar Weber explicita de forma inequívoca uma das principais características do seu sindicato: seu forte vínculo e compromisso com a formação de base.

Este é mais um de tantos outros esforços formativo de Ademar Weber, que dedicou-se a transformar em livro a linda trajetória do SEEF, que se inicia em 1984. Ao longo de sua caminhada, a entidade foi se firmando por meio do

trabalho de formação como estratégia de fortalecimento e consolidação da organização sindical.

Meu contato com Ademar ocorre exatamente no período em que a formação de base, profissional e sindical, ganha relevância dentre as lutas e atividades desenvolvidas pelo Sindicato. Eu recém havia começado a trabalhar como assessor da Fecesc e fui convidado para monitorar o planejamento da entidade.

Já naquele primeiro planejamento ficou evidente que o fortalecimento do sindicato passava necessariamente por arrojado programa de formação. A vivência do Ademar nas atividades formativas do Cajamar, da Fecesc e da Escola Sul foram importantíssimas para que a caminhada pelas veredas formativas se tornasse prática corriqueira na entidade. E para isso sempre contou com o apoio e incentivo da Fecesc, que sempre teve na atividade formativa uma de suas principais estratégias de ação.

Além das diversas atividades de planejamento das quais pude participar, cabe destacar a formação profissional, por meio da qual a entidade conseguiu não apenas atrair e aproximar o sindicato da base, mas também melhorar a qualificação profissional dos trabalhadores. Depois de participar do curso de formação profissional, o

ingresso nas atividades de formação sindical de base era naturalmente o segundo passo.

Ademar sempre foi um apaixonado pela formação e viu no curso de legislação trabalhista uma forma de ampliar ainda mais o envolvimento dos trabalhadores com a entidade. Escrevemos o Manual dos Direitos dos Trabalhadores em Edifícios, que se tornou um dos principais recursos pedagógicos utilizados em inúmeros cursos de formação de base.

Tanto na formação profissional como nos cursos de legislação trabalhista, a opção pedagógica era por sempre partir da realidade vivenciada pelos trabalhadores. E por meio dela e das indagações e questões formuladas pelos educadores, ir construindo um conhecimento ampliado e crítico. Apesar de ser uma entidade pequena, o SEEF foi um protagonista importante na difusão dessa forma particular de formação e fortalecimento sindical e destacou-se nessa atividade em seu ramo profissional e em Santa Catarina.

Lembro-me dos Encontros de Trabalhadores em Edifícios. Nesses eventos, percebia-se claramente os resultados do trabalho de formação de base realizado. Lembro-me também das assembleias de bairros e do informativo da entidade, essencial para manter os trabalhadores infor-

mados e próximos de sua entidade, apesar de geograficamente estarem dispersos em inúmeros edifícios.

Ademar Weber, de formador em construção, fez-se um formador construído e, naturalmente, foi sendo reconhecido na Fecesc, na Escola Sul e no movimento sindical. Muitas foram suas viagens por Santa Catarina como formador em cursos como Legislação Trabalhista, OLT e concepção sindical. Os resultados desse trabalho apareciam nas campanhas salariais e negociações coletivas, no surgimento de novas lideranças, no engajamento de seus integrantes nas lutas populares e políticas e no fortalecimento do polo autêntico do movimento sindical, capitaneado pela CUT.

Ao decidir retratar suas experiências e vivenciar em um livro, Ademar se assemelha ao operário cantado por Vinicius de Moraes, em seu poema “Operário em Construção”. Em seu árduo trabalho o operário desconhecia “que o operário faz a coisa e a coisa faz o operário”. Por meio de seu próprio trabalho, “o operário em construção faz-se operário construído”, da mesma forma que Ademar se fez a si próprio por meio de seu assíduo trabalho formativo. O formador em ação revelou-se um sábio vivido, cujo saber construído já pode ser lido.

Luiz Antônio Alves de Azevedo (Luizinho)

Ex. Assessor Sindical da FECESC

O SEEF representa o que há de melhor entre o povo brasileiro!

Ao longo de 25 anos de estreita convivência (física, inclusive, pois a sede do Sindicato é vizinha “de parede” do DIEESE), tornei-me testemunha ocular do trabalho desenvolvido pela direção do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis. É trabalho árduo, feito com uma categoria sofrida, explorada e que tem condição de trabalho bastante precária. Com o passar dos anos, através da convivência e das lutas enfrentadas lado a lado, tornei-me um admirador dos líderes do sindicato e de suas muitas qualidades. Simplicidade, disposição para o trabalho duro, bom humor – habilidades desenvolvidas pelas dificuldades trazidas pela vida – são algumas das características do pessoal da direção da entidade. Na realidade, é claro, essas são qualidades da própria categoria, de onde surgem seus líderes e dirigentes sindicais. Pessoas de histórias densas e sofridas, que vêm do interior do estado, ou mesmo de estados vizinhos, para vencer: ter um emprego, uma casa, constituir uma família; conquistar, na garra, vida digna.

Chama atenção como o sindicato consegue conciliar um forte trabalho de base, (fazendo visitas permanentes aos trabalhadores em seu posto de trabalho), com uma adequada visão dos grandes temas de interesse nacional. A ação do

sindicato está longe de ser meramente corporativa. Apesar de contar com apenas dois diretores liberados, essa direção está sempre presente nos eventos da central (a CUT), nas atividades promovidas pela Fecesc, nos debates sobre temas diversos organizados pelo DIEESE. Em função dessa ativa participação nas atividades coletivas, a direção tem clareza das grandes lutas e dos grandes temas dos trabalhadores brasileiros. Os dirigentes do sindicato, mesmo os não liberados, têm opinião formada sobre salários, salário mínimo, emprego, renda, questão de gênero, racial, enfim, dos grandes temas relacionados aos trabalhadores.

As limitações de escolaridade dos trabalhadores da base não atrapalham a comunicação entre estes e os dirigentes sindicais. Os sindicalistas desenvolveram com o tempo uma compreensão das possibilidades e limitações de sua base, o que possibilita encaminhar as discussões com fina pedagogia e entendimento das especificidades da categoria. Esse tipo de habilidade não é fácil de se desenvolver, ela só amadurece com esforço, perseverança e convivência permanente com os trabalhadores, através das conversas e troca de ideias. O Jornal do Sindicato, por exemplo, ao invés de ser enviado pelos Correios, é entregue pelos dirigentes, de mão em mão, oportunidade ímpar para troca de ideias, de informações, críticas e/ou sugges-

tões. É um trabalho difícil, que não é para qualquer um, e é feito com esmero e dedicação.

Tivemos uma amostra decisiva das qualidades do sindicato por ocasião da luta pela implantação dos pisos estaduais em Santa Catarina, vitoriosa em 2009. O movimento sindical catarinense empreendeu uma batalha de (no mínimo) três anos para implantar os pisos estaduais, a partir de meados de 2006. A unidade e a perseverança do movimento sindical catarinense foram imprescindíveis em toda a caminhada até setembro de 2009, quando a Lei 459/09 foi aprovada. Vigentes a partir de janeiro de 2010, os pisos significaram ganhos reais expressivos para as categorias, naquele ano, especialmente os mais baixos. A direção do Sindicato dos Empregados em Edifícios, percebendo que era uma luta fundamental para os trabalhadores em geral, e para a categoria que representa, assumiu a campanha e foi decisiva em todos os movimentos da mesma, nas reuniões, na negociação, na divulgação e na coleta de assinaturas pela emenda popular, empreendida em 2009.

Os trabalhadores que o Sindicato dos Empregados em Edifícios representam são o que existe de melhor entre nós, brasileiros. Gente que luta, que produz, que ama o Brasil e que extrai o sustento do suor honesto do seu rosto. Nesse momento perigoso do Brasil, em que a economia sofre um

processo de desnacionalização e em que os “reis do camarote” são prestigiados por uma parte expressiva da mídia, mais do que nunca é fundamental valorizar o que temos de melhor no país.

José Álvaro de Lima Cardoso
Supervisor Técnico - Escritório Regional – DIEESE/SC

Fazer formação é apaixonante e faz a diferença!!!

O Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis é um sindicato de luta e de compromisso. Afirmo isso com toda convicção, pois quando estive à frente da Contracs/CUT como presidenta (2004/2011) e atualmente na Secretaria de Relações Internacionais, tive a oportunidade de trabalhar e estar próxima às direções daquele período até a atual.

Lutar por melhores salários e condições dignas de vida para os trabalhadores é uma das principais prioridades dos sindicatos que atuam em favor da classe trabalhadora, mas o SEEF, através das suas direções, foi além e apostou e posso dizer com muito orgulho que apostou certo quando passou a trabalhar com a formação dos trabalhadores de base.

A famosa frase “Quem Luta também Educa” é sem dú-

vida um diferencial. Porém, aquele que além de lutar faz a diferença, implementando políticas de formação e qualificação profissional sob a ótica dos trabalhadores junto à sua base, deve ter o merecido reconhecimento.

Foram muitas experiências marcantes, diversas turmas, com salas lotadas de trabalhadores que, através da política de formação defendida pela nossa central, a CUT, tiveram a oportunidade de aprofundar conhecimentos, trocar experiências e compreender a relação capital x trabalho.

Esse processo formativo, além de oportunizar maior informação e formação, garantiu que os trabalhadores e trabalhadoras com maior grau de consciência de classe defendessem seus direitos com mais determinação e, principalmente, participassem com mais vigor do seu sindicato.

A formação da base contribuiu com a organização na luta por melhores condições de trabalho, saúde e segurança e principalmente para exigir respeito pela profissão.

Profissão essa que merece nossa valorização, embora em muitos condomínios e nos locais de trabalho nossos companheiros e nossas companheiras não são nem vistos e ainda passam por situações humilhantes. Entre elas, as câmeras que estão por toda parte com o argumento de melhorar a segurança mas que para um bom entendedor da forma como

estão direcionadas, servem para vigiar os trabalhadores e a forma como executam seu trabalho.

Fazer formação com comprometimento é apaixonante e com toda certeza o SEEF faz história quando acredita que a formação e a qualificação profissional dos trabalhadores, feita por trabalhadores, traz resultados positivos. Como já dizia Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatiszados pelo mundo”.

Parabéns, companheiros e companheiras da direção do SEEF, pelo belo trabalho desenvolvido até agora. Vamos seguir sempre juntos na construção de um mundo menos desigual, mais fraterno e socialista.

Lucilene Binsfeld - Tudi

Secretaria de Relações Internacionais da Contracs/CUT

Mudar é preciso sempre!

Quando criamos um novo sindicato, a grande preocupação é: que direção assumirá a nova entidade? Que compromisso terá esta direção com a categoria, com os trabalhadores e com as transformações sociais? Que compromisso terá com a construção de uma sociedade social e economicamente justa?

Quando criamos o Sindicato dos Empregados em Edifícios e em Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis de Florianópolis – SEEF, contamos com o decidido compromisso do companheiro Ademar Weber, de constituir uma entidade comprometida com a defesa e ampliação dos direitos da categoria e da classe trabalhadora, e com as transformações que a sociedade brasileira almejava.

A primeira decisão apontava nessa direção, quando a diretoria do sindicato decidiu filiar-se à Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina – Fecesc e à Central Única dos Trabalhadores – CUT, entidades engajadas nas propostas de mudanças necessárias para o nosso país.

Passou a atuar alinhado com a Fecesc e à CUT Nacional, na construção de uma Confederação de Trabalhadores no Comércio e Serviços orgânica à CUT, apesar dos apelos em sentido contrário da Fetrathu e Contrathu, entidades representativas do ramo de Turismo e Hospitalidade, na qual esse sindicato estaria enquadrado. A direção do sindicato fez uma opção à esquerda e assim continua.

Em julho de 2007, ampliou sua representação para os trabalhadores em empresas de Compra, Venda, Locação e

Administração de Imóveis, ampliando assim a sua área de atuação.

Historicamente, as dificuldades das entidades sindicais são imensas na relação capital-trabalho, seja nas negociações coletivas, seja no descumprimento da legislação trabalhista e das cláusulas de convenções e acordos coletivos.

Com o SEEF não foi diferente, com o agravante de que a entidade representa uma categoria, que na prática não tem um empregador definido. Em tese, todos os moradores de um edifício ou condomínio são empregadores de quem lá trabalha, achando-se no direito de exigir deveres. Ao mesmo tempo, nenhum morador se assume como empregador, quando são chamados a conceder direitos.

O SEEF tem enfrentado muitas dificuldades na sua relação com a categoria patronal, na medida em que foram criados dois sindicatos, que permanentemente disputam a representação dos condomínios de edifícios. Ora é reconhecido pelo judiciário como sendo essa representação total ou parcialmente do Sindiconde, ora como sendo do Secovi, e nessa disputa quem sempre tem perdido são os trabalhadores.

Apesar destas dificuldades, o sindicato atua com muita firmeza nos processos de negociações das Convenções

e Acordos Coletivos de Trabalho, possuindo, há muito tempo, uma das melhores convenções e os melhores pisos salariais do Brasil. É intransigente na defesa dos direitos dos trabalhadores e desenvolve uma política permanente de atuação junto à categoria.

Há ainda uma preocupação permanente na formação profissional, sindical e política dos trabalhadores, e para isso o sindicato desenvolve um programa permanente de cursos e seminários para a categoria.

Visando agregar a categoria para as lutas que desenvolve, o sindicato realiza anualmente eventos que reúnem centenas de trabalhadores e seus familiares.

As lutas iniciadas pela primeira diretoria tiveram continuidade nas direções que se sucederam, contando atualmente com companheiros e companheiras que honram a bela história do SEEF.

Esse sindicato já contribuiu com as mudanças que nós tivemos em nosso país, e certamente contribuirá muito mais com o que ainda precisamos mudar, pois vontade política é o que não falta.

Francisco Alano
Presidente da Fecesc

Trabalho de base, transparência e ética faz a diferença!

Minha carteira profissional de trabalho foi assinada em condomínio em maio de 1980 e continua assinada até os dias de hoje. No primeiro condomínio, trabalhei durante quatro anos, no segundo dois anos e no terceiro, neste ano de 2014, completo 28 anos. Ou seja, somando todos esses anos de condomínio, carrego 34 anos de “bagagem”.

Lembro-me que, em 1985, conheci o companheiro Ademar Weber, que foi no meu local de trabalho falar sobre o sindicato. Confesso que fiquei bastante desconfiado, pois na época do regime militar falavam muito mal dos sindicatos. Mas depois de muitas visitas do companheiro Ademar, que sempre falava em melhoria salarial, melhorias nas condições de trabalho e que só através do sindicato é que nós iríamos conseguir, comecei então a pensar melhor sobre o assunto. Passei, então, aos poucos, a idealizar que juntos nós teríamos um sindicato forte e que lutaríamos pelos nossos direitos, melhores salários e condições de trabalho decente para todos os trabalhadores em condomínio.

Foi quando recebi a visita no meu local de trabalho dos companheiros Hildebert Schullup e João José Schneider, que depois de um longo bate-papo, me convenceram a pre-

encher a ficha de filiação. Após isso, então, em 1988, mesmo ano de filiação, fui convidado a fazer parte da direção do SEEF.

Fomos eleitos. Era a segunda eleição do SEEF. Era o começo de muitas lutas e uma delas era o sonho de milhares de trabalhadores, a conquista de um salário de 100 dólares, que naquele ano, era de 64 dólares. Bem diferente dos dias de hoje, que está em torno de 300 dólares, sendo que hoje, o piso dos trabalhadores em condomínios já ultrapassa os 400 dólares.

Lembro também da nossa primeira festa de confraternização, feita embaixo de uma lona de plástico, tipo “sem terra”, que só cobria a churrasqueira de tijolos. A festa foi realizada no colégio Padre Anchieta, na Agrônômica, com a presença de 16 companheiros. Nos dias de hoje, nossa confraternização é realizada com mais de 500 pessoas.

Hoje, sinto um orgulho muito grande em fazer parte da direção de um sindicato que, nos seus 30 anos de luta, teve como prioridade o trabalho de base, a transparência, a ética e a responsabilidade. É através do trabalho de base que levamos informações aos trabalhadores, tiramos suas dúvidas e, indo ao local de trabalho, vemos suas condições de trabalho.

Penso que todo o trabalhador, após assinar sua carteira de trabalho, seja qual for a sua profissão, deveria procurar o seu sindicato, pois é ele que negocia o seu salário e as condições de trabalho. Enfim, é o sindicato que tem todas as informações necessárias e indispensáveis ao trabalhador.

Quero, por fim, parabenizar a todos os companheiros da atual diretoria e também aos ex-diretores que fizeram a história das três décadas de lutas e conquistas do SEEF.

Moacir Erosalte Padilha

Tesoureiro do SEEF - Gestão 2012/2015

Com garra e vontade as conquistas virão!

Recebi a visita de um velho companheiro de guerra, o Sr. Ademar Weber, e me relatou o seguinte: “vou escrever a história do nosso sindicato e gostaria de um depoimento seu”.

Eu disse a ele que sou uma pessoa que fala muito, mas para escrever e botar no papel a coisa fica muito difícil, mas vou tentar.

Lembro da primeira reunião que fizemos para dar início à criação do nosso sindicato. Foi na Federação das Indústrias de Santa Catarina, em tempos difíceis. Naquela época, para se criar um sindicato era necessária a benção dos mi-

licos, pois ainda estávamos vivendo na ditadura, mas com a assessoria da Federação dos Comerciários conseguimos vencer todas as barreiras. Fui um dos diretores, fundador do sindicato e fiz parte da sua direção por 20 anos. Orgulho-me disso e, se tivesse que começar, eu faria tudo de novo. Lembro das grandes batalhas desses 30 anos. Olhando para trás, quantas conquistas tivemos nesse tempo!

Além de defendermos os direitos imediatos e históricos dos trabalhadores, ajudamos a transformar este país numa democracia. Participamos ativamente das grandes greves gerais desse período.

Na política partidária, conseguimos eleger um trabalhador Presidente do Brasil.

Lembro-me também que antes de elegermos a Presidente do Brasil, o salário mínimo não chegava em 100 dólares, hoje triplicou. Portanto, isso quer dizer que fizemos as escolhas certas.

Fiquei muito orgulhoso e honrado pelo convite para dar esse depoimento.

Nolfrido de Almeida

Zelador do Condomínio Residencial Porto Seguro

Ex Diretor do SEEF

Uma vivencia significativa!

Nasci no município de Rio do Sul, Santa Catarina. Saí de casa muito jovem, trabalhei em vários locais até que apareceu uma proposta para gerenciar um hotel na cidade de Ibirama. Nesse período conheci minha mulher, com a qual vivo até hoje. Vivíamos tranquilos, bom emprego, éramos uma família feliz. Poderíamos ser mais felizes se não fosse um problema de saúde de meu filho, mas na vida da gente acontecem muitas surpresas, e uma delas foi me aconselharem que, se eu quisesse salvar a vida de meu filho, teríamos que morar à beira-mar.

Como eu trabalhava num hotel em Ibirama, conhecia muita gente, mas tinha um hospede que quase toda semana passava pelo hotel. Um dia veio conversar comigo e me perguntou se eu queria morar em Florianópolis e trabalhar em um condomínio. Aceitamos o convite e viemos para a capital em 1975.

Comecei a trabalhar no Condomínio Edifício Amelita, localizado na rua Almirante Lamego. Não demorou muito, recebi a visita de um senhor chamado Arnaldo me convidando para criar uma Associação dos Empregados em Edifícios. Criamos a associação, a qual eu achava ser, para nós trabalhadores, uma boa iniciativa, mas aconteciam coisas

que eu não entendia. Na época eu era o tesoureiro e nunca via o dinheiro da associação, pois a grana ficava com o presidente. Aconteceu um caso mais curioso, nós compramos um relógio cuco para fazer uma rifa. Não me lembro se houve rifa, só sei que a associação não evoluiu e o relógio cuco ficou com o presidente.

Trabalhei em outros condomínios nos quais fui muito explorado. Chegava a trabalhar até quinze horas por dia e alguns condôminos achavam que isso era obrigação porque eu residia nas dependências do condomínio. O mais incrível é que entre estas pessoas tinha uma juíza do trabalho.

Nem tudo é negativo em nossa vida. Um dos condomínios em que trabalhei foi o Condomínio Edifício Ilha Bela, localizado na Av. Beira Mar Norte, foi aí que recebi a visita do companheiro Ademar que me convidou para fazer parte da primeira diretoria do Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis. Ele me falou que o Ministério do Trabalho tinha assinado nossa carta sindical e que estava formando um grupo de companheiros para concorrer à primeira eleição do Sindicato.

Aceitei o desafio de fazer parte desse grupo de companheiros, mesmo porque eu já tinha uma noção do que era um sindicato, pois o meu pai teria perdido todos os

seus direitos se não fosse a assistência do sindicato do qual ele participava.

Desde o momento que recebi esse convite e aceitei, passei a acreditar que os trabalhadores em edifícios teriam uma entidade para defendê-los e que a exploração que eu e meus companheiros sofríamos iria acabar e os trabalhadores seriam mais respeitados.

Por doze anos fiz parte da diretoria do sindicato, passando por quatro mandatos na condição de secretário geral. Nesse período, vi o sindicato crescer desenvolvendo um trabalho dedicado a melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores em edifícios, agindo sempre em conformidade com o que é justo e de direito para essa categoria trabalhista.

Durante minha participação no sindicato, aprendi muito e creio ter contribuído para que os trabalhadores em edifícios vivessem com mais dignidade e cidadania. É um prazer saber que essa entidade sindical completa 30 anos de trabalho em prol dos trabalhadores.

Hildebert Schullup
Ex diretor do SEEF

Sem ponto final, pois a luta continua ...

*Analisei bem esta vida, repensei o futuro adiante
Dizer não às dificuldades, ser um trabalhador atuante
Deve haver alguma forma para que eu possa melhorar
Deixar a escassez de lado e minha vida então mudar*

*Conversei com uns amigos pra direcionar novo rumo
Viver uma vida de coitado só deixa a gente acanhado
Árdua foi esta luta da qual precisávamos ganhar
Entender essa contramão e fazermos nos respeitar*

*Todo esforço valeu a pena, novos rumos foram tomados
Hoje temos vida boa, com os filhos encaminhados
Deus ajudou a vencer, dando saúde e inteligência
Mas não foi nada fácil, se é isso que você pensa*

*Todo trabalhador desta nação, merece viver na bonança
Riqueza só para alguns, isso é coisa que me cansa
Foi com os brados de guerreiros e firmeza de todos nós
A grande união que tivemos, fez-se ouvir a nossa voz*

(TWeber, 2014c)

Meus amigos e minhas amigas, não foi nada fácil escrever esta história, mas para quem pode contar com a sua presença e companheirismo tudo acaba ficando mais fácil. Se não fosse a compreensão e a colaboração de muitas pessoas, eu não teria condições de concluir este trabalho, pessoas estas a quem eu quero agradecer pela participação que tiveram em toda minha trajetória. Sem elas eu não teria esta história para relatar.

Minha família teve participação decisiva na minha vida sindical. Quantas vezes deixei de fazer algum trabalho importante na minha casa, quantas vezes eu falhei no meu emprego, pois ficava a semana toda fazendo curso de formação sindical no Instituto Cajamar em São Paulo. Quantas vezes deixei de comprar alguma coisa importante para minha casa, pois era necessário, muitas vezes, tirar o dinheiro do bolso para poder honrar com os compromissos do sindicato. E elas foram muito companheiras nesse sentido.

Não poderia deixar de reconhecer seu apoio e carinho durante a construção deste livro. Não tinha ideia de por onde começar e não acreditava muito em minha capacidade para tamanho empreendimento. No entanto, lá estavam elas ajudando a reconstruir as memórias de 30 anos de trabalho incansável no SEEF, corrigindo meus erros ortográficos, auxiliando na montagem do texto e sua lapidação, criando as poesias que vocês leram nesta obra, possibilitando que este livro fosse finalizado. À minha esposa Terezinha e à minha filha Cátia, meu agradecimento e amor por estarem sempre comigo.

Meus agradecimentos para pessoas importantes na história do sindicato como o companheiro Nelson Brum Motta, por ter despertado o espírito sindicalista que existia dentro de mim ao me procurar para desarquivar a Associação

Profissional dos Empregados em Edifícios de Florianópolis que estava arquivada na Delegacia Regional do Trabalho.

Ao amigo e companheiro Ivo Castanheira, por insistir e não desistir de nos fazer participar do curso de Concepção, Estrutura e Prática Sindical; esta atividade nos preparou para o trabalho sindical na época. Não parou por aí, foi com o Castanheira que eu aprendi tudo que sei sobre eleições sindicais. Quantas eleições, quantas discussões, quantas viagens, quantos dias, semanas e meses fora de casa trabalhando em eleições, algumas vezes fazendo oposição, em outras éramos a situação. Quanta luta, companheiro!

Outro companheiro que muito me orgulho ter como amigo é Francisco Alano. Foi com ele que aprendi tudo que sei sobre negociação coletiva de trabalho. Comecei a admirar esse companheiro em uma reunião de negociação na Delegacia do Trabalho com uma comissão de síndicos de condomínios. Mais tarde passei a fazer parte do coletivo de negociação da Federação e, junto com o companheiro Alano, passamos a percorrer todo o estado realizando as negociações coletivas.

Nessa caminhada, outra pessoa teve participação fundamental na história do sindicato, mas principalmente, na minha própria história. Um grande companheiro, cujo co-

nhecimento compartilhado comigo fez com que me apaixonasse pela formação sindical. Através dos cursos que fiz com esse companheiro é que vi e senti o quanto era importante a formação de novas lideranças no movimento sindical, e que as direções dos sindicatos devem priorizar mais essa prática. Este grande amigo se chama Luiz Antônio Alves Azevedo, conhecido pelos amigos e companheiros de causa como Luizinho.

Aos meus queridos amigos Rogério M. Corrêa, Neudi A. Giachini, José Álvaro de L. Cardoso, Moacir E. Padilha, Nofrido de Almeida, Hildebert Schullup e minha amiga Lucilene Binsfeld, a Tudi, cujas vozes foram lidas nos depoimentos para este livro, meu carinhoso abraço e agradecimento por seu apoio, trocas de saberes e parceria durante esta caminhada.

Agradeço à minha amiga Cilir Maria Cavassini, uma guerreira que largou um emprego na Fecesc para trabalhar num sindicato que estava iniciando. Apostou que daria tudo certo e acertou, apaixonou-se por essa categoria e está completando trinta anos de trabalho junto com o sindicato. Hoje, junto com as companheiras Vania Marisa Canova e Zeneide Alvez de Melo, administram com competência o sindicato, enquanto os diretores liberados fazem um excelente trabalho de base.

Aos muitos companheiros que participaram das diretorias do SEEF, meu mais profundo agradecimento por terem permitido que eu lutasse ao seu lado. Sua crença nesta entidade sindical e seu trabalho árduo possibilitaram fazê-la forte, reconhecida como um sindicato combativo, que está de fato ao lado do trabalhador.

Agora, nas linhas finais deste livro, compreendo que não é possível escrever uma conclusão, pois a luta do SEEF continua e continuará por muitas décadas ainda. Imagino o dia em que haverão de lembrar das pessoas aqui citadas, que continuam na luta, como personagens históricos na construção de nossa sociedade. Sonho com um mundo mais justo e igualitário para todos os cidadãos brasileiros. Sonho com o dia em que cada brasileiro terá consciência de sua força, colocando-se contra qualquer injustiça, exigindo o respeito e dignidade que todos têm direito. E para que este sonho se realize é preciso acreditar em nossa força e não parar de lutar nunca.

Anexos

Anexo 1: Ata de fundação da Associação dos Empregados em Edifícios de Florianópolis

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS EMPREGADOS DE EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS

Cópia autêntica da ATA DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS EMPREGADOS DE EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS.

As dezenove (19) horas e trinta (30) minutos do dia vinte e oito (28) de junho de mil novecentos e setenta e sete (1.977), no Centro de Serviço Social do INPS, sito a rua Esteves Junior, esquina com a rua Presidente Coutinho, Edifício do INPS - 3º Andar, em Florianópolis, atendendo a convocação formulada pela responsável do Centro de Serviço Social do Inps, doutora Marlize Dellagnelo, encaminhada a os empregados de edifícios de Florianópolis, compareceram os representantes da categoria profissional. Abrindo os trabalhos da Dra. Marlize convidou a fazer parte da Mesa o Dr. Waldyr Pedro Del Pra Netto, funcionário da Secretaria da Administração e Trabalho e do sr. Arnaldo Goulart, os quais com a palavra, historiarão a criação da Associação Profissional dos Empregados no Comercio Hoteleiro e Similares de Florianópolis e a necessidade de se fundar uma Associação da categoria profissional mostrando, inclusive os contatos já mantidos com o Sindicato dos Empregados de Edifícios da Cidade de São Paulo, e em benefício dos que isto trata para Florianópolis. A doutora Marlize Dellagnelo pediu que cada um dos presentes se manifestasse sobre a conveniência ou não da fundação de uma entidade abrangendo todos os empregados em Edifícios dos municípios de Florianópolis, Biguaçu, São José e Palhoça, tendo estes, por unanimidade se manifestados favoráveis. A seguir colocou em votação a criação da ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS EMPREGADOS DE EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS, sendo a criação aprovada por unanimidade ou seja pelos setenta e nove pessoas que se encontravam presentes. A seguir o Dr. Waldyr Pedro Del Pra Netto procedeu a leitura dos Estatutos da Associação, os quais foram discutidos, artigo por artigo e no final, aprovados também por unanimidade. A unanimidade dos presentes aprovou a instituição de uma mensalidade no valor de vinte cruzeiros (R\$ 20,00) que sera cobrado a partir de 01 de julho de 1.977. Passou-se a seguir a proceder a eleição da primeira Diretoria da Associação, que ficou assim constituída: Presidente - Arnaldo Goulart, Secretário - Miguel Jose de Souza, Tesoureiro - Hildelbert Schullup. Suplentes da Diretoria: - Aldo Silva, Waldemar Lopes de Souza e Adolar Waltrick. Conselho Fiscal - Membros Efetivos: - Waldir Roesner, Julio Cesar da Silva e Hilton Melo Gonçalves. Membros Suplentes: - Jaime Costa, Manoel Bento Filho e Jose Rosa. Declarando constituída a Associação Profissional dos Empregados de Edifícios de Florianópolis, aprovados seus estatutos e eleita a primeira Diretoria, a doutora Marlize Dellagnelo declarou estes empossados e passou a presidência dos trabalhos ao senhor Arnaldo Goulart. Livre a palavra, varios oradores da Mesa cumpriram uso, congratulando-se com o acontecimento. Encerrada a reunião lavrou-se a presente ata que após lida e aprovada vai pelos membros da Mesa e da Diretoria empossada assinada. Florianópolis, 28 de junho de 1.977. (as.) Arnaldo Goulart - Presidente (as.) Miguel Jose de Souza, (as.) Hildelbert Schullup, (as.) Waldir Roesner, (as.) Julio Cesar da Silva, (as.) Hilton Melo Gonçalves, (as.) Jaime Costa (as.) Manoel Bento Filho, (as.) Jose Rosa, (as.) Marlize Dellagnelo (as.) Waldyr Pedro Del Pra Netto.

CONFERE COM O ORIGINAL

Arnaldo Goulart - Presidente

Anexo 2: Ata de criação do SEEF

SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS - SC.

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA QUE APROVOU O PEDIDO DE RECONECIMENTO COMO SINDICATO.

Às 20 (vinte) horas do dia 3 (três) de abril de 1984 (hum mil novecentos e oitenta e quatro), reuniram-se na sede da Associação / Catarinense de Medicina, em 2ª (segunda) convocação tendo em vista que na 1ª (primeira) convocação não foi alcançado o "quorum" legal, as associados da Associação dos Empregados em Edifícios de Florianópolis, Ass' sembléia esta convocada especialmente pelo presidente da entidade, nos termos que lhe conferem o artigo 16 (dezesseis) dos Estatutos Sociais, e conforme Edital de Convocação, publicado nos dias 13 (treze), 14 (quatorze), 15 (quinze) de março de 1984 (hum mil novecentos e oitenta e quatro) no jornal de Santa Catarina, desta cidade, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

- a) Pedido de investidura sindical; -----
- b) Aprovação dos Estatutos Sociais do Sindicato
- c) Eleição da diretoria provisória;
- d) Aprovação do valor da mensalidade.

Abrendo a sessão, o Sr. Presidente da Entidade, depois de verificar haver número legal para as deliberações, solicitou ao plenário que indicasse o Presidente da Mesa e um Secretário para dirigir os trabalhos, sendo escolhidos os Srs. Francisco Alano para presidir e Carlos Alberto da Silva para secretariar. Imediatamente passou-se a discussão sobre o primeiro item da ordem do dia, que é o pedido de Investidura Sindical da Associação. Após ampla discussão sobre a importância de tal pedido pelos presentes, foi colocada em votação, por escrutínio secreto a proposta, sendo escolhidos como escrutinadores o Srs Nelson Brum Motta e Srta. Eva Aparecida Fernandes, tendo o Sr. Secretário procedido à chamada, pela ordem de registro, de todos os associados em condições de exercer o voto. Finda a votação, procederam os escrutinadores à apuração, que apresentou o seguinte resultado: 44 (quarenta e quatro) votos a favor do pedido de Investidura Sindical e 0 (zero) votos contra.

Verificando o Sr. Presidente da mesa, que a soma dessas 2 (duas) parcelas correspondia ao total dos associados que assinaram a lista de presença, declarou que, cumprindo a vontade da maioria estava aprovado o pedido de Investidura Sindical da Associação. Após foi lido e aprovado por escrutínio secreto, pelo mesmo resultado anterior os Estatutos Sociais do Sindicato, sendo logo em seguida eleita também por escrutínio e secreto e com o mesmo resultado das votações anteriores a Diretoria Provisória da entidade, que ficou assim constituída: Presidente: CARLOS ALBERTO DA SILVA - Secretário: ADOLAR FRANCISCO WALTRICH - Tesoureiro - ADEMAR WEBER. Foi discutida amplamente o último item da ordem do dia que era o valor da mensalidade, ficando aprovada, por escrutínio secreto e por 44 (quarenta e quatro votos) a 0 (zero), o valor de 3% sobre o Salário Mínimo de Referência. Depois de congratular-se com os presentes pelo resultado, que considerava expressivo pela unidade da classe e de formular votos de prosperidade do futuro sindicato, o Sr. Presidente da mesa que dirigiu os trabalhos, verificando, que ninguém mais desejava fazer uso da palavra, encerrou a sessão às 21:30 (vinte e uma horas e trinta minutos), e determinou que fosse, por mim, Carlos Alberto da Silva, secretário da mesa, lavrada a presente ata que vai assinada pela mesa, diretoria e escrutinadores.

Florianópolis, 03 de Abril de 1984

FRANCISCO ALANO
CARLOS ALBERTO DA SILVA
ADEMAR WEBER

NEUSON BRUM MOTTA
EVA APARECIDA FERNANDES
ADOLAR FRANCISCO WALTRICH.

Anexo 3: Edital de publicação do registro sindical

DIÁRIO OFICIAL 1580 SEÇÃO I QUINTA-FEIRA, 24 JAN 1985

MTb-24430-001.084/84 - Nos termos da proposta da Secretaria de Relações do Trabalho e tendo em vista a Resolução da Comissão do Enquadramento Sindical, atendendo ao que requereu a Associação Profissional - dos Empregados em Edifícios de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, RESOLVO reconhecê-la sob a denominação de "SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS", Código nº 006.164.01888.0, como entidade sindical de 1º grau representativa da categoria profissional - Empregados de Edifícios (assaladores, porteiros, cabineiros, vigias, faxineiros, ser ventes e outros) - dissociada, em caráter específico, da categoria - Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares - integrante do 4º grupo - Empregados em Turismo e Hospitalidade - do plano da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, na base territorial do município de Florianópolis, no referido Estado, homologados os Estatutos Sociais com as correções sugeridas.

Em 15 de janeiro de 1985, foi assinada a carta que reconhece como entidade sindical representante da categoria profissional nos termos da legislação em vigor do SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EDIFÍCIOS DE FLORIANÓPOLIS/SC. MURILLO MACEDO.

Anexo 4 – Descrição das diretorias do SEEF ao longo de 30 anos

Segunda eleição foi realizada no dia 24 de maio de 1988, foram eleitos para dirigir o sindicato neste segundo mandato os seguintes companheiros: Presidente: Ademar Weber, zelador do Edifício Jorje Daux; Secretário Geral: Hildebert Schlup, zelador do Edifício Comendador Rinsa; Tesoureiro: Jesse James Fraga, zelador do Edifício Ana Paula; Secretário de Imprensa e Comunicação: Nolfrido de Almeida, zelador do Edifício Porto Seguro; Secretário de Formação Sindical: Paulo José da Silva, zelador do Edifício Benjamim Constante; Secretário de Organização Sindical: Ronaldo Antonio Belli, zelador do Edifício Vila Rica; Secretário Social: João Elias Guardiola, zelador do Edifício Castelmare. Suplentes da Diretoria: Moacir Erosalte Padilha, zelador do Edifício Antares; Luiz Manoel da Silva, zelador do Edifício Aplub; Dorvalino Antonio Faustino, zelador do Edifício Plaza do Mediterrane; Antonio Pedro Marques, Porteiro do Edifício Antares; Valtelino Alves, porteiro do Edifício Jorge Daux; Adão de Souza, zelador do Edifício Alcion; Silvério Heckmann, zelador do Edifício Chácara da Espanha. Conselho Fiscal Efetivo: João José Schneider, zelador do Edifício El Greco; Ivania Alves da Luz, zelador do Edifício Ilhabela; João de Souza, porteiro do Edifício Mozart. Con-

selho Fiscal Suplente: Guiomar Pickler, zelador do Edifício Daniela; Vitor Marcelo Cardoso, porteiro do Edifício Saint Simon; José Bernardino Vieira Filho, zelador do Edifício Residencial Janne. Delegados representantes junto a Federação, Efetivos: Ademar Weber, zelador do Edifício Jorge Daux; Hildebert Schlup, zelador do Edifício Comendador Rinsa. Delegados representante junto a Federação Suplentes: Bráulio Boing, zelador do Edifício Britania; Jesse James Fraga, zelador do Edifício Ana Paula.

A nossa terceira eleição foi realizada no dia 07 de maio de 1991, foram eleitos para dirigir o \sindicato neste terceiro mandato os seguintes companheiros: Presidente: Ademar Weber, zelador do edifício Jorge Daux; Secretário Geral: Hildebert Schlup, zelador do Edifício Comendador Rinsa; Tesoureiro: Moacir Erosalte Padilha, zelador do Edifício Antares; Secretário de Organização Sindical: Ronaldo Antonio Belli, zelador do Edifício Vila Rica; Secretário de Comunicação: Ivanio Alves da Luz, zelador do Edifício Ilhabela; Secretário de Formação: João José Schneider, zelador do Edifício El Greco; Secretário Social: Silvério Heckmann, zelador do Edifício Chácara da Espanha. Suplentes da Diretoria: José Sarmiento Carneiro, zelador do Edifício Grenoble; João Nilton Nunes, zelador do Edifício Solar das Acácias; Dorli Pereira, zelador do Edifício

Maria de Fátima; Olimpio de Souza, zelador do Edifício Sabrina; Aldo Weber, zelador do Edifício Simone; Valter Medeiros, zelador do Edifício Perola Negra; Antonio do Amaral, zelador do Edifício Ana Maria. Conselho Fiscal Efetivo: Nolfrido de Almeida, zelador do Edifício Porte Seguro; Valtelino Alves, porteiro do Edifício Jorge Daux; Aluizio Alves da Silva, zelador do Edifício Vitoria Regia. Suplentes do Conselho Fiscal: Dinack Caetano Tavares, porteiro do Edifício Visconde de Ouro Preto; Bráulio Boing, zelador do Edifício Britania; Dejanir Peres, zelador do Edifício Brigadeiro Fagundes. Delegados Efetivos representantes junto a Federação: Ademar Weber, zelador do Edifício Jorge Daux; Hildebert Schlup, zelador do Edifício Comendador Rinsa. Delegados Suplentes representantes junto a Federação: Guiomar Pickler, zelador do Edifício Daniela; Luiz Gonzaga Pacheco, Porteiro do Edifício Villes de France.

A nossa quarta eleição foi realizada no dia 08 de abril de 1994, foram eleitos para dirigir o sindicato neste quarto mandato os seguintes companheiros: Presidente: Ademar Weber, zelador do edifício Jorge Daux; Secretário Geral: José Sarmento Carneiro, zelador do edifício Grenoble; Tesoureiro: Moacir Erosalte Padilha, zelador do edifício Antares; Secretário de Formação: Ivanio Alves da Luz, zela-

dor do edifício Ilhabela; Secretário de Relações Sindicais: Nolfrido de Almeida, zelador do edifício Porto Seguro; Secretaria de Imprensa e Comunicação: Maria Lucelma de Lima, zeladora do edifício Residencial Florença; Secretaria Social: William Schlup, porteiro do edifício Comendador Rinsa. Suplentes da diretoria: Valtelino Alves, porteiro do edifício Jorge Daux; Onildo Raiche Filho, zelador do edifício Rita de Cássia; Gilberto Moraes, zelador do edifício Alexandra Bianca; Antonio do Amaral, zelador do edifício Ana Maria; Gilmar Maçaneiro; zelador do edifício Vila Inglesa; Carlos Olimpio Zeferino, zelador do edifício Vivenda do Mar; Edilson Rogério de Andrade, porteiro do edifício Daniela. Conselho Fiscal Efetivo: José Bonifacio de Lima, zelador do edifício Residencial Ponta das Canas; Claudio Estevam Marciano, zelador do edifício Davinice; Antenor Soares, porteiro do edifício São Sebastian e São Martim. Conselho fiscal Suplentes: Valmir Pedrinho Coproski, zelador do edifício Rembrandt; Valeria Kohler Cavalheiro, faxineira do edifício Renoir; Pedro Santos Rodrigues, porteiro do edifício Vila dos Açores. Delegados efetivos junto a Federação: Ademar Weber, zelador do edifício Jorge Daux; Ovanir Jesus de Lima, zelador do edifício Henrique Estodieck. Delegados suplentes junto a Federação: Olimpio de Souza, zelador do edifício Sabrina; Hildebert Schlup, zelador do edifício Comendador Rinsa.

A nossa quinta eleição foi realizada nos dias 28 e 29 de abril de 1997, foram eleitos para dirigir o sindicato neste quinto mandato os seguintes companheiros: Presidente: Ademar Weber, zelador do edifício Jorge Daux; Secretário Geral: Nolfrido De Almeida, zelador do edifício Porto Seguro; Tesoureiro: Moacir Erosalte Padilha, zelador do edifício Antares; Secretário de Formação: Gilmar Maçaneiro, zelador do edifício Villa Inglesa; Secretário de Organização Sindical: José Bonifácio de Lima, zelador do edifício Residencial Ponta das Canas; Secretaria de Imprensa e Comunicação: Valeria Kohler Cavalheiro, faxineira do edifício Renoir; Secretário Social: Valmir Pedrinho Coproski, zelador do edifício Reibrandt. Suplentes da Diretoria: Rogério Vieira, zelador do edifício Flores; Ronaldo Antonio Belli, zelador do edifício Vila Rica; Gilberto Maçaneiro, zelador do edifício Britania; Mauro Cesar da Silva, zelador do edifício Vereda Tropical; José Adroaldo de Souza, zelador do edifício Residencial os Poetas; Maria Neide Bezerra, recepcionista do edifício Comercial Irmãos Daux; Rogério Manoel Correa, zelador do edifício Cannes. Conselho Fiscal Efetivo: Ovanir Jesus de Lima, zelador do edifício Geneve Lausane; Carlos Alberto Miranda, zelador do edifício Cristina; Manoel da Costa Pereira, porteiro do edifício Lendário. Suplentes do Conselho Fiscal: Renato José Ferreira, zelador do edifício Aroldo Carvalho; Olga

Sinhoratti, recepcionista do edifício Minerva; Marcelino João Correia, porteiro do edifício Villes de France. Delegados efetivos junto a Federação: Ademar Weber, zelador do edifício Jorge Daux; Nolfrido de Almeida, zelador do edifício Porto Seguro. Delegados Suplentes junto a Federação: Adão Kraus dos Santos, zelador do edifício Residencial Estrela do Mar; Onildo Raiche Filho, zelador do edifício Residencial Rita de Cássia.

A nossa sexta eleição foi realizada nos dias, 10 e 11 de abril de 2000, foram eleitos para dirigir o Sindicato neste cesto mandato os seguintes companheiros: Diretoria presidida pelo companheiro Rogério Vieira, Zelador do Condomínio Edifício Flores, e os seguintes Diretores Efetivos: Rogerio Manoel Correa, Zelador do Condomínio Edifício Cannes, Nolfrido de Almeida, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Porto Seguro, Moacir Erosalte Padilha, Zelador do Condomínio Edifício Antares, Gilberto Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Britânia, Gilmar Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Inglesa, e Ademar Weber, Zelador do Condomínio Edifício Jorge Daux. Suplentes da Diretoria: Alvacir de Souza Probst, Zeladora do Condomínio Edifício Sudameris, Domingos Antônio Santana Micaella, Porteiro do Condomínio Edifício Liberty Parck, Mauro

Cesar da Silva, Zelador do Condomínio Edifício Vereda Tropical, Maria Neide Bezerra, Recepcionista do Condomínio Edifício Centro Comercial Irmãos Daux, Ovanir Jesus de Lima, Zelador do Condomínio Edifício Geneve Lausane, Ronaldo Antônio Belli Zelador do Condomínio Edifício Claudia e Rogério do Amaral, Zelador do Condomínio Edifício Luxemburgo. Conselho Fiscal Efetivo: José Bonifácio de Lima, Zelador do Condomínio Edifício Ponta das Canas, Renato José Ferreira, Zelador do Condomínio Edifício Aroldo Carvalho e Valeria Kohler Cavalheiro Faxineira do Condomínio Edifício Reibrandt. Conselho Fiscal Suplente: Samara Brasil, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade X, João Moacir de Oliveira, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Brasileiro e Marlei Chaves das Chagas, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade V. Delegados Efetivos Junto a Federação: Jandir Antônio Bondan, Zelador do Condomínio Edifício Rita de Cassia. Delegados Suplentes junto a Federação: Aldine Bezerra Vanderlei, Faxineira do Condomínio Edifício Residencial Brasileiro e Diomar Bento, Recepcionista do Condomínio Edifício Sudameris.

A nossa sétima eleição foi realizada nos dias, 22, 23, e 24 de abril de 2003, Foram eleitos para dirigir o Sindicato neste sétimo mandato os seguintes companheiros: Dire-

toria presidida pelo companheiro Rogério Vieira, Zelador do Condomínio Edifício Flores, e os seguintes Diretores Efetivos: Ademar Weber, Zelador do Condomínio Edifício Jorge Daux, Gilmar Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Inglesa, Gilberto Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Britânia, Moacir Erosalte Padilha, Zelador do Condomínio Edifício Antares, Nolfredo de Almeida, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Porto Seguro e Rogério Manoel Corrêa, zelador do Condomínio Edifício Cannes. Suplentes da Diretoria: Alvacir de Souza Probst, Zeladora do Condomínio Edifício Sudameris, Diomar Bento, Recepcionista do Condomínio Edifício Sudameris, Domingos Antônio Santana Micaella, Porteiro do Condomínio Edifício Liberty Parck, Osni Dias, Zelador do Condomínio Edifício Danúbio, Mauro Cesar da Silva, Zelador do Condomínio Edifício Vereda Tropical, Marlei Chaves das Chagas, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade V, Valeria Kohler Cavalheiro, Faxineira do Condomínio Edifício Reibrandt, Conselho Fiscal Efetivo: Renato José Ferreira, Zelador do Condomínio Edifício Aroldo Carvalho, Jair Aires Borba, Zelador do Condomínio Edifício Coronel Ganzo, José Antônio Vieira do Nascimento, Zelador do Condomínio Edifício Azaleia. Conselho Fiscal Suplente: Samara Brasil, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade X, Aldine Bezerra

Vanderlei, Faxineira do Condomínio Edifício Residencial Brasileiro e José Valdecir de Godoi, Zelador do Condomínio Edifício Ilha dos Corais. Delegados Efetivos junto a Federação: Jandir Antônio Bondan, Zelador do Condomínio Edifício Rita de Cassia e Ovanir Jesus de Lima, Zelador do Condomínio Edifício Geneve Lausane. Delegados suplentes junto a Federação: Marcia Maria Pocera Odorissi, Zeladora do Condomínio Edifício Residencial Paineiras e Sonia Aparecida de Souza, Zeladora do Condomínio Edifício Residencial Lazari.

Nossa oitava eleição foi realizada nos dias 25, 26 e 27 de abril de 2006. Foram eleitos para dirigir o sindicato neste oitavo mandato os seguintes companheiros: Diretoria presidida pelo companheiro Ademar Weber, Zelador do Condomínio Edifício Jorge Daux, e os Diretores Efetivos: Rogério Manoel Correa, Zelador do Condomínio Edifício Cannes, Moacir Erosalte Padilha, Zelador do Condomínio Edifício Antares, Gilberto Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Britânia, Gilmar Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Inglesa, Osni Dias, Zelador do Condomínio Edifício Danúbio e Alvacir de Souza Probst, Zeladora do Condomínio Edifício Sudameris. Suplentes da Diretoria: Diomar Bento, Recepcionista do Condomínio Edifício Sudameris, Marlei Chaves das Cha-

gas, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade V, Ovanir Jesus de Lima, Zelador do Condomínio Edifício Geneve Lauzane, Juliano Brugnago, Zelador do Condomínio Edifício Jayme Linhares, Paulo Cesar Paixão, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Heitor Bittencourt, Jeferson Marcio Cabral Alves, Porteiro do Condomínio Edifício Orlando Damiani e Valeria Kohler Cavalheiro, Faxineira do Condomínio Edifício Reibradt. Conselho Fiscal Efetivo: Renato José Ferreira, Zelador do Condomínio Edifício Aroldo Carvalho, Vilmar José Koch, zelador do Condomínio Edifício Maria Carolina e Avelino da Silva, Porteiro do Condomínio Dona Margarida. Conselho Fiscal Suplentes: Aldine Bezerra Vanderlei, Faxineira do Condomínio Edifício Residencial Brasilair, Eder Farias Borges, Porteiro do Condomínio Edifício Centro Executivo Torre da Colina e Anisio Nunes Porteiro do Condomínio Edifício Verde Mar. Delegados Efetivos junto a Federação: Jean Carlos Cardoso, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Los Angeles e José Vanil Pereira Rodrigues, Zelador do Condomínio Edifício Verde Mar. Conselho Fiscal Suplentes: Carlos Alberto Miranda, Zelador do Condomínio Edifício Cristina.

A nossa nona eleição foi realizada nos dias, 13, 14, e 15 de abril de 2009, Foram eleitos para dirigir o Sindicato

neste nono mandato os seguintes companheiros: Diretoria Presidida pelo Companheiro Rogério Manoel Correa, Zelador do Condomínio Edifício Cannes e os Diretores Efetivos: Renato José Ferreira, Zelador do Condomínio Edifício Aroldo Carvalho, Moacir Erosalte Padilha, Zelador do Condomínio Edifício Antares, Gilberto Maçaneiro, zelador do Condomínio Edifício Villa Britânia, Elisa Andréia dos Santos, Zeladora Condomínio Edifício Jurerê Summer Resort, Rosa Marina Ferraz de Almeida, Zeladora do Condomínio Edifício Residencial Levy Linhares e Cristiano Carlos Rachadel, Zelador do Condomínio Edifício Solar de Nice. Suplentes da Diretoria: Honoriolino Dias Johansson, Porteiro do Condomínio Edifício Maria Eduarda, Diana Massaneiro Fernandes, Recepcionista do Condomínio Edifício Fortaleza da Barra, Antônio Rodrigues, Zelador do Condomínio Edifício Solar das Acácias, Diomar Bento, Recepcionista do Condomínio Edifício Sudameris, Claudir Maximino Leite, Porteiro do Condomínio Edifício Residencial Arabutan, Jean Carlos Cardoso, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Los Angeles e Marlei Chaves das Chagas, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade V. Conselho Fiscal Efetivo: Gilmar Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Inglesa, Vilmar José Koch, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Maris Carolina e Alvacir de Souza Probst, Zela-

dora do Condomínio Edifício Sudameris. Conselho fiscal suplentes: Eder Farias Borges, Porteiro do Condomínio Edifício Centro Executivo Torre da Colina, Antônio Valdir Zacarias de Godoi, Zelador do Condomínio Edifício Marbela e Roger Gouveia Alves, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Costa do Sol. Delegados Efetivos junto a Federação: Ivon Célio Santos, Zelador do Condomínio Edifício Costa Blanca Flat Residence e Paulo César Paixão, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Heitor Bittencourt. Delegados Suplentes Junto a Federação: Edson Marcelo Kosloski, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Talismã e Sidinei Zacarias, Zelador do Condomínio Edifício Malibu.

A nossa décima eleição foi realizada nos dias 11, 12 e 13 de abril de 2012 Foram eleitos para dirigir o sindicato neste décimo mandato os seguintes companheiros: Diretoria presidida pelo companheiro Rogério Manoel Correa, Zelador do Condomínio Edifício Cannes e os Diretores Efetivos: Renato José Ferreira, Zelador do Condomínio Edifício Aroldo Carvalho, Moacir Erosalte Padilha, Zelador do Condomínio Edifício Antares, Gilberto Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Britânia, Eder Farias Borges, porteiro do Condomínio Edifício Centro Executivo Torre da Colina, Diomar Bento, Recepcionista

do Condomínio Edifício Sudameris e Roger Gouveia Alves, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Costa do Sol. Suplentes da Diretoria: Honoriolino Dias Johnson, Porteiro do Condomínio Edifício Maria Eduarda, Marlei Caves da Chagas, Zeladora do Condomínio Edifício Trindade V, Edson Marcelo Kosloski, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Talismã, Ivon Célio Santos, Zelador do Condomínio Edifício Costa Blanca Flat Residence, Claudio Henrique Moreira da Silva, Zelador do Condomínio Edifício Camarus, Marcio Kovalski, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Maria de Fatima e Cirlei Centelhas da Mota, Zeladora do Condomínio Edifício Residencial Vila Real da Conceição. Conselho Fiscal Efetivo: Gilmar Maçaneiro, Zelador do Condomínio Edifício Villa Inglesa, Paulo da Silva, Zelador do Condomínio Edifício Conjunto Habitacional Ilha dos Açores e Alvacir de Souza Probst, Zeladora do Condomínio Edifício Sudameris. Conselho Fiscal Suplentes: Nadir Corrêa Pacheco, Recepcionista do Condomínio Edifício Residencial Ilha das Flores, Roberto Tadeu Ferreira, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Atlântico e Paulo Caetano Amaral, Zelador do Condomínio Edifício Residencial Ilha da Fortaleza. Delegados Efetivos junto a Federação: Arlete Maria Gerreiro, Recepcionista do Condomínio Edifício Residencial Saint Laurent e Claudir Miximino Leite,

Porteiro do Condomínio Edifício Residencial Arabutan. Delegados Suplentes junto a Federação: Cristiano Carlos Rachadel, Zelador do Condomínio Edifício Solar de Nice e Antônio Rodrigues, Zelador do Condomínio Edifício Solar das Acácias.

Anexo 5: Discurso de posse da primeira diretoria do SEEF

No ano de 1977, em assembleia realizada por empregados de edifícios foi criada a Associação dos Empregados em Edifícios de Florianópolis objetivando a transformação em sindicato. Por motivos de falta de uma assessoria constante e inconsciência de alguns membros quanto aos seus propósitos acabou por inexistir em termos práticos, reduzindo-se a um estatuto guardado em uma gaveta até março de 1984, quando fomos procurados pela Federação dos Trabalhadores no Comércio no Estado de Santa Catarina. Na época a FECESC havia recebido do Ministério do Trabalho a extensão de sua base de representação, passando a integrar todos os grupos da área do comércio e, conseqüentemente, a categoria a qual pertencemos. Começamos daí, a desenvolver sério e árduo trabalho de organização junto aos trabalhadores através de reuniões, assembleias e encontros que culminou com o envio de nosso pedido de investidura sindical ao Ministério do Trabalho e recebimento de nossa carta sindical em janeiro do corrente ano. E hoje, já com a carta sindical nas mãos, diretoria eleita

e empossada, sentimos com satisfação que nosso sindicato existe concretamente e já anda com suas próprias pernas. Nosso compromisso é com a classe trabalhadora, e é junto dela que efetivamente trabalharemos. Estaremos sempre, temos certeza, em contato com as entidades representativas de nossa categoria, bem como com as demais entidades sindicais nacionais para um trabalho mútuo, pois o momento não é de divisão e sim união de forças, pois nosso objetivo é comum e só assim conseguiremos mudar esta sofrida realidade da classe trabalhadora nacional. Queremos aqui, fazer um especial agradecimento a Federação dos Trabalhadores no Comércio pela colaboração prestada, colocando-nos à disposição toda a sua estrutura, desde a assessoria técnica, jurídica, até o fornecimento de material burocrático, sala, etc.. Temos certeza de que sem seus valiosos préstimos, o que tínhamos objetivado quando de nossas primeiras reuniões nos idos de 1977, não seria realidade hoje. Agradecemos também, aos companheiros vindos das cidades de Goiânia, São Paulo, Niterói, Rio de Janeiro e Porto Alegre, que viajaram centenas de quilômetros para trazer-nos seu total apoio e a certeza de que o trabalho será conjunto tendo como meta conseguirmos melhores dias aos trabalhadores por nós representados. A Todos, Nosso Muito Obrigado.

Anexo 6 – Texto apresentado no Fórum Mundial de Educação

Experiência de Trabalho de Base e OLT no Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis, apresentado no Fórum Mundial de Educação em Porto Alegre, em janeiro de 2003

Ademar Weber – Presidente

Introdução

A Organização por Local de Trabalho tem sido uma das grandes metas do movimento sindical cutista hoje. Daremos início ao relato de nossa experiência, a partir de um trecho extraído do módulo 2 do “Curso de Formação Dirigentes de Base em TMT”:

“Trabalho de base corresponde ao alicerce de uma construção qualquer. É muito mais do que distribuir o jornal do Sindicato na porta ou no local de trabalho. É a soma de iniciativas, conversas e ações destinadas a elevar um trabalhador comum da categoria ‘a condição de militante de um Sindicato, consciente e comprometido com a luta da sua classe. Trabalho de base significa um esforço conjugado de organização, mobilização, conscientização e educação política. Quem faz trabalho de base está, necessariamente, fazendo formação”.

A citação acima colocada, vem esclarecer a forma como é constituído o trabalho de base no Sindicato dos Empregados em Edifícios de Florianópolis (SEEF). Devemos

lembrar, que a categoria dos empregados em edifícios constituiu-se em uma base dispersa, isso no sentido geográfico do termo. Assim, torna-se difícil contar com um dirigente capacitado em cada condomínio residencial ou comercial da cidade. No entanto, a experiência dos dirigentes aliada à vontade de crescer, tornou possível encontrar um caminho que unisse a capacitação sindical à organização por local de trabalho. Dessa forma, podemos observar que o trabalho de base desenvolvido no SEEF, está inteiramente ligado a formação sindical.

Para uma melhor compreensão dessa experiência, vamos dividir nossa pequena história em três períodos. São eles: 1º) Fundação e Consolidação do Sindicato; 2º) Lutas Políticas e Sociais; 3º) A Formação como Trabalho de Base.

1. Primeiro Período: Fundação e consolidação do SEEF (1984 a 1990)

O SEEF foi fundado em 03 de abril de 1984. Porém, seu reconhecimento como sindicato de fato, deu-se com o recebimento da carta sindical em janeiro de 1985 e com eleição da primeira diretoria, que ocorreu em maio do mesmo ano.

Nesse momento, o sindicato não contava com dirigentes liberados, mas apenas com a contribuição de uma

funcionária. A participação em atividades formativas era difícil, porém houve a participação em encontros e cursos destinados a capacitação e fortalecimento das categorias sindicais existentes na época.

No período de 15 a 18 de novembro de 1984, o sindicato participou do I Encontro Interestadual dos Trabalhadores no Comércio e Serviço, realizado em Florianópolis. Depois a entidade passou a participar de cursos de Concepção, Prática e Estrutura Sindical, realizados no Cajamar, em São Paulo. Esses, como outros encontros e cursos realizados nesse primeiro período da história do sindicato, eram essenciais para a estruturação da concepção sindical e o fortalecimento da atuação da entidade no movimento sindical.

Nesse momento, a primeira liberação de um dirigente sindical ocorreu em 1990. Sendo assim, o SEEF contava com um trabalho de base que ainda se restringia ao contato direto dos diretores, primeiramente nos seus locais de trabalho que, contando com um revezamento, conseguiam visitar os demais locais.

Desde sua fundação, que o sindicato usou do seu jornal mensal para difundir as notícias da sua categoria e da sociedade.

2. Segundo Período: Lutas Políticas e Sociais (1990 a 1995)

Esse segundo período corresponde a um momento único na história política e social do Brasil. Devido à intensa movimentação da sociedade brasileira, as atividades realizadas pelo SEEF voltavam-se para tais questões políticas e sociais. A redemocratização do Brasil ganhava uma nova cara. Eram os caras pintadas (Estudantes Universitários e Secundaristas, Partidos de Esquerda e demais Movimentos Sociais) que saíam as ruas gritando o “FORA COLLOR”. Era a luta pelo Impeachment do presidente Fernando Collor de Mello.

Nesse período os sindicatos atuavam fortemente na política brasileira. Cabe lembrar a luta constante dos trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho. Nesse momento o partido dos trabalhadores constituía-se no principal caminho para a consolidação da redemocratização do Brasil, sendo apoiado pelas entidades sindicais e demais movimentos sociais. Em 1989, um trabalhador concorria pela primeira vez à presidência da república. Uma luta que se estenderia por 14 anos. Era o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva que já participava do cenário político do Brasil. A consolidação da democracia brasileira aconteceu de fato, em 2002 com a vitória desse companheiro nas

Eleições Presidenciais.

O trabalho de base já constituía-se num forte instrumento para a sindicalização dos trabalhadores em edifícios de Florianópolis. Para atingir a todos os membros da categoria era necessário usar de estratégias para implementar uma OLT. Devido a distância e dispersão da categoria nos diversos bairros da cidade, era difícil reunir a todos os associados numa assembleia. Assim, o SEEF passou a organizar pequenas assembleias nos bairros da cidade. Em cada bairro era feita um chamado por um sindicalista preparado e pertencente a comunidade em questão. Isso facilitava a aceitação do público e a participação de membros ainda não associados da categoria.

3. Terceiro Período: A Formação como Trabalho de Base (1996 até os dias atuais)

Até o início desse período, a diretoria do sindicato vinha pensando formas de repassar os conhecimentos sobre a luta sindical, adquiridos nos últimos anos aos demais companheiros da categoria. Surgia a necessidade de preparar os integrantes dessa categoria para o enfrentamento sindical. Não bastava Ter associados, mas companheiros de luta que caminhassem juntos.

O SEEF passou a participar de encontros, cursos, pa-

lestras, congressos e outras atividades destinadas a capacitação dos diretores para uma melhor atuação dentro da categoria e do movimento sindical.

Sua participação enquanto promotor de capacitação sindical e profissional concretizou-se a partir de 09 de junho de 1996, com o I Encontro dos Trabalhadores em Edifícios de Florianópolis e Balneário Camboriú, realizado na cidade de Balneário Camboriú. O objetivo do encontro era, inicialmente, discutir os problemas das categorias de ambos os municípios. Ao final do encontro, as avaliações finais conduziam para uma questão que envolvia a capacitação profissional dos empregados em edifícios.

Após o encontro em Balneário Camboriú, outros encontros de base foram realizados. Em todos foi constatado que a categoria enfrentava não só problemas de ordem trabalhista em seus locais de trabalho, mas começava a surgir uma necessidade de comprovar uma qualificação profissional desta. Nestes tempos começavam a surgir as empresas prestadoras de serviços terceirizados, levando a uma gradativa substituição dos trabalhadores em Edifícios. Desta forma a Diretoria do SEEF tirou como possível solução para o problema que vinham enfrentando, a realização de cursos de formação profissional para a categoria. Tais cursos tinham como objetivos contribuir na

capacitação profissional dessa, mas principalmente, trabalhar na sua aproximação junto a entidade sindical. A partir desta constatação o SEEF, através de convênio com a Escola Sindical Sul e SINE, realizou em 1997, 6 cursos de Relações Humanas e Zeladoria, bem como 4 cursos de Legislação Aplicada em Condomínio, com a participação de 256 trabalhadores e desempregados. A partir dessa experiência inicial, os cursos foram reformulados e aplicados novamente em 1998 com resultados muito satisfatórios. Foram aplicados 13 cursos de 80 horas, atingindo um público de 340 trabalhadores e desempregados.

Os cursos iniciais serviram como base para o desenvolvimento de um programa mais adequado à realidade e às necessidades concretas dos empregados em edifícios, já que o objetivo principal é a capacitação destes trabalhadores para que possam desenvolver o seu trabalho com qualidade, evitando muitos conflitos que, invariavelmente, acabam se transformando em perda do emprego. Devemos também salientar a realidade político-econômica da sociedade brasileira, onde a crise atinge pontualmente o trabalhador, aumentando o índice de desemprego. Com a implementação de cursos profissionalizantes, o SEEF busca ampliar as chances no mercado de trabalho, para a parcela populacional desempregada ou em risco de desemprego eminente e, essencialmente, para a

população com baixa ou nenhuma escolaridade.

Em meio a implementação dos cursos profissionalizantes, como uma estratégia para a solução de um problema vivenciado pela entidade sindical, foram encaminhados os cursos de Formação Sindical visando o fortalecimento da categoria e, conseqüentemente, da entidade sindical.

Após essa primeira iniciativa iniciou-se um período frutífero para a entidade sindical. A Formação Sindical passava a constituir-se em um importante instrumento para a luta sindical e compondo um papel importante no trabalho de base. A realização dos cursos de formação profissional, bem como dos cursos de capacitação para dirigente sindical de base agiram como instrumento para ampliar o número de sindicalizados na base, bem como passaram a facilitar a OLT em cada bairro da região.

Hoje, nos planejamentos realizados pelo SEEF, a formação é prioridade número 1. Na sua luta diária por melhores condições de vida e trabalho para a categoria dos empregados em edifícios de Florianópolis, a entidade conseguiu mais uma importante conquista. Nas negociações coletivas de trabalho, a entidade conseguiu incluir uma cláusula que trata da formação profissional dos trabalhadores dessa categoria. Os condomínios são obrigados a liberar

seus empregados, sem prejuízo de seus salários, num total de 40 horas, durante a vigência da Convenção Coletiva de Trabalho, para a participação dos mesmos em cursos de formação profissional, promovidos pelo sindicato. Assim, o sindicato entra no século XXI atuando fortemente na formação sindical, viabilizando uma maior participação da categoria nas lutas sindicais.

3.1. Cursos de Formação Profissional e Sindical

É importante colocar que a formação profissional dos empregados em edifícios foi pensada dentro de uma ótica cutista. Os assuntos abordados trazem importantes contribuições práticas para a atuação do empregado em edifício, bem como contribuições para sua formação enquanto cidadão atuante nesse processo histórico. A conscientização de se tornar um cidadão atuante, faz com que o participante dos cursos de formação profissional inicie um processo de interação com a entidade sindical. Ele, por si só, muitas vezes procura a entidade não somente para filiar-se, mas para iniciar sua capacitação sindical e participar dos trabalhos de base junto à direção do sindicato.

A Formação Profissional implementada pelo SEEF engloba temas como Relações Humanas, Comunicação, Ética Profissional, Cidadania, Combate a Incêndio, Noções de

Primeiros Socorros, Direitos e Deveres dos Empregados em Edifícios, Legislação Aplicada à Condomínios, etc. Com relação a Formação Sindical, são trabalhados temas como Sociedade, História de Luta dos Trabalhadores, o Sindicato, Realidade no Mundo do Trabalho, Organização Sindical, Trabalho de Base e OLT, Legislação Trabalhista, entre outros divididos em três ou mais módulos que compõe o Curso de Formação de Dirigentes de Base. Este curso foi desenvolvido pela Escola Sindical Sul, pelas CUT's Estaduais e microrregionais da CUT, através do Projeto Alicerce.

Os cursos de Formação Profissional começaram a ser aplicados a partir do ano de 1997. Sendo que os cursos de Formação Sindical dentro da estrutura acima colocada, foram iniciados em 1999. Até os dias atuais, mais de 2000 pessoas (trabalhadores e desempregados) passaram pelos cursos de Formação aplicados pelo SEEF.

EM NOSSO SINDICATO O TRABALHO DE BASE
ESTÁ INTEIRAMENTE LIGADO A FORMAÇÃO

**Anexo 7 – Texto escrito pela equipe
de formação sindical do Sindicato dos
Metalúrgicos do ABC Paulista**

Quero agradecer a equipe de formação do sindicato dos Metalúrgicos do ABC, por ter elaborado este texto “Valores

do militante e do dirigente sindical”, que tanto tem nos ajudado na formação de novas lideranças no nosso sindicato.

Valores do militante e do dirigente sindical

Ser um dirigente sindical, não é simplesmente ganhar uma eleição e administrar um sindicato, envolvem outros fatores tais como: valores e compromissos que devem orientar nosso comportamento na vida sindical. Compromisso todos sabem o que significa: o que me liga a esta luta, porque estou nela, qual a responsabilidade que assumo perante meus companheiros, minha categoria, minha classe. Valores; aqui, tem um significado diferente do econômico. Na economia o valor expressa a quantidade de trabalho contida em determinado objeto ou produto. O valor é a medida desse trabalho e estabelece uma comparação para a troca de objetos.

Valores que estamos se referindo, significa o que nos move moralmente e ideologicamente, as ideias que norteiam nossa conduta, aquilo que fazemos não porque a lei exige ou porque alguém impõe. Os valores são uma espécie de voz interior em cada um de nós, construída por nossa experiência de vida, de estudo, conversas, discussões e avaliações, voz que orienta nosso comportamento em cada momento de decisão.

O que escrevemos sobre valores e compromissos do militante são diferentes de uma cartilha contando a história de nossa luta. Na cartilha as informações são objetivas. Podem estar certas ou erradas, mas quem escreve se apoia em fatos palpáveis. A discussão sobre valores ideológicos pertence a um terreno mais subjetivo e requer cautela porque as opiniões não respondem diretamente a um fato concreto. O leque de diferenças, divergências e discordâncias é mais amplo. Ninguém tem sabedoria para escrever ensinando qual o comportamento correto e qual o errado. Quem deu a essa pessoa tamanha autoridade?

Nosso objetivo é estimular discussão e assimilação sobre este aspecto da militância, mas o texto também precisa ser criticado, contestado e complementado, uma vez que a ideia aceita como verdadeira hoje, torna-se dúvida amanhã e vira conceito superado depois de amanhã.

Selecionamos aqueles valores que aparecem com ênfase sempre que discutimos as qualidades que devem marcar a atitude de um militante ou dirigente sindical. Numa breve introdução, será útil focalizar três questões básicas nesse tema: quem somos nós, quais os nossos objetivos e qual a nossa recompensa.

Como militantes somos, num primeiro sentido, iguais a

todos os demais trabalhadores, noutra sentida, somos diferentes e especiais. Somos iguais porque vivemos as mesmas dificuldades, angustias e esperanças de todos os que carregam o peso de viver numa sociedade movida pelo lucro, particularmente numa sociedade como a brasileira, onde a exploração produz os níveis mais altos de desigualdade, tensões, violência. Temos os mesmos interesses em garantir emprego, bons salários, segurança e algum conforto para nossas famílias, a vontade de crescer no sentido profissional, cultural e espiritual. Temos as mesmas necessidades de compreensão, de valorização, de respeito, de vida afetiva e de prazer. Carecemos todos de nossos momentos de lazer e privacidade.

Somos diferentes e especiais no sentido de que nos destacamos da massa ao romper com os valores individualistas e com a ideologia que é inculcada diariamente em todo o tecido social pelas emissoras de TV, pela imprensa, pela empresa onde trabalhamos, pela escola, por boa parte das igrejas e pela própria estrutura familiar que nos envolve. Queremos mudar a sociedade em que vivemos. Queremos construir um mundo justo, assentado em um preciso equilíbrio entre igualdade e liberdade. Assumimos conscientemente uma série de riscos e nos expomos a perdas importantes para perseguir esse sonho que costumamos chamar

de utopia, entendida como uma espécie de horizonte onde fixamos os olhos durante a caminhada.

Nossos objetivos se compõem de dois patamares distintos. O objetivo de longo alcance, estratégico, é a construção desse futuro diferente. Mas, na medida em que isso demandará muitos anos ou décadas, a utopia se converte em metas que podem ser atingidas em nossa geração, desde que a vontade política se some a uma visão lúcida para assegurar vitórias tangíveis.

Lutamos, então, pelo respeito aos direitos e a dignidade do trabalhador no dia a dia no seu local de trabalho, lutamos por salário, pelo emprego, por uma qualidade superior de vida em todas as suas dimensões. Nada disso pode ser garantido com a ação restrita ao interior do seu local de trabalho. Ali a luta nasce e se enraíza, deitando alicerces para ampliar-se nacionalmente numa crescente intervenção sobre os rumos políticos do país e sobre toda a sua organização econômica e social. Cada conquista torna-se acúmulo em direção a patamares mais ousados. Não pensamos em descansar antes de eliminar o odioso nível de desigualdades e de exploração que pauta este Brasil.

É natural que se pense em recompensa para tanto esforço, visto que ninguém deve abraçar a luta como forma

de autopunição ou como fuga dos angustias existenciais. Mas deve ficar claro que a recompensa de um militante não pode ser expressa na moeda capitalista do ganho financeiro, ou do carreirismo, da fama ou da glória individual. Quem entra nessa luta tem consciência suficiente para valorizar outro tipo de recompensa, que se mede pelo respeito conquistado entre companheiros, amigos, colegas e até por amplos círculos da sociedade por força da seriedade, da dedicação, da generosidade e da firmeza com que abraçamos a vida militante. Desprezar a satisfação que todos nós podemos sentir quando somos alvo desse reconhecimento e valorizar apenas os holofotes da projeção individual é ignorar tudo o que opõe nossa luta e a ideologia da sociedade que queremos mudar.

Agora, passaremos a focalizar seis aspectos que nos parecem centrais na discussão dos valores que devem inspirar o comportamento de um dirigente ou militante sindical.

SOLIDARIEDADE

A solidariedade é a palavra chave de toda a nossa atuação.

No dicionário do Aurélio já encontramos o significado do termo. É laço ou vínculo recíproco. Adesão ou apoio a causa. É o sentido moral que vincula o indivíduo

á vida, aos interesses e as responsabilidades de um grupo social, de uma nação ou da própria humanidade. É a relação de responsabilidades entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o outro ou os outros. É dependência recíproca.

A solidariedade representa, assim, a palavra que melhor sintetiza a contraposição frontal com os valores da sociedade capitalista, em especial nas suas variantes neoliberais: competitividade, concorrência, sobrevivência dos mais aptos, sucesso individual, glorificação do mercado, vitória dos espertos.

Ela reflete, também, a compreensão mais profunda sobre a importância estratégica daquela que é uma das principais vantagens comparativas dos trabalhadores em relação as elites dominantes, que é o nosso número, que é o fato de sermos esmagadora maioria. As elites só conseguem manter-se no poder, usurpando o direito da maioria, na medida em que impedem a formação dos laços de solidariedade entre os dominados, ou conseguem assombrá-los através de mil artifícios.

O próprio sindicato nasceu, nos primórdios da revolução industrial, a partir das experiências de solidariedade e

de ajuda mútua que os operários foram estabelecendo entre si para enfrentar a exploração patronal.

A solidariedade é um pressuposto básico para se garantir uma forte unidade de ação, mesmo quando temos entre nós profundas diferenças de opinião quanto ao melhor caminho a seguir. Todos sabem que a classe trabalhadora jamais triunfa se não se apresenta unida. É a solidariedade de classe que me anima a participar ativamente de um luta, mesmo quando a proposta que defendi não obteve maioria na hora de decidir. É a solidariedade que explica o fato de nos chamarmos, uns aos outros, de companheiros, palavra cuja origem significa comer o mesmo pão, no passado significando pão do trigo e, hoje, pão da mesma causa, dos mesmos interesses e dos mesmos objetivos históricos.

É a solidariedade e esse companheirismo que definem a importância vital do trabalho em equipe e da permanente preocupação em buscar a participação de todos ou do maior número possível, em nossas atividades e em nossas tomadas de decisão. Sem trabalho em equipe, como a própria empresa capitalista vem descobrindo, abre-se campo para disputas internas, rivalidades e ciúmes que bloqueiam ou enfraquecem todo tipo de ação. É verdade que, no jogo que simboliza nossa luta, qualquer um d nos tem direito de fazer seu gol. Melhor ainda se for um gol de placa. To-

dos nos prezamos e aplaudimos as intervenções inspiradas de nossos dirigentes mais importantes, na empresa, nas assembleias ou num palanque. Mas a solidariedade na luta significa evitar aquela velha tentação de fazer o gol sozinho, jogando apenas para a torcida.

A solidariedade, enfim, constitui em nosso cotidiano sindical o mais importante vínculo ligando os enfrentamentos de hoje e nossos objetivos mais profundos de igualdade, inscritos no horizonte utópico. É somente sendo solidários em nossa vida sindical que comprovamos nossa confiança nos ideais de igualdade que movem a classe trabalhadora há mais de duzentos anos, em todos os países, igualdade essa que pode ser mais bem compreendida quando levamos em conta o que disse uma das mais importantes pensadoras do nosso século: não nascemos naturalmente iguais nem somos iguais em nossas vidas reais; tornamo-nos iguais porque assumimos conscientemente a decisão de sermos iguais (Hannah Arendt, citação não-literal).

COMPROMISSO

Do papel decisivo jogado pela solidariedade nasce uma grande importância a qual atribuímos ao compromisso com a luta, a dedicação que o militante e o dirigente demonstram diariamente e, principalmente, sua persistência ao longo do tempo.

Um companheiro pode ser solidário com a luta, mas pouco dedicado, preferindo participar esporadicamente. Claro que isso já tem algum valor. Mas a regularidade, a disciplina, a seriedade no cumprimento das tarefas assumidas, a firmeza, a garra e a combatividade demonstrada na militância são peças fundamentais para garantir a eficiência na ação sindical e para angariar respeito entre os trabalhadores da base.

Nesse sentido, fica claro que o bom militante é dotado de agudo espírito crítico, não devendo atuar jamais de maneira conformista. Ele indaga sobre acerto das propostas de encaminhamento, questiona, discorda e argumenta. Mas não deixa de encaminhar o que lhe foi incumbido, nem coloca suas dúvidas e discordâncias acima do compromisso de unidade. Sem essa lealdade e sem fidelidade para com a luta de nossa categoria e de toda a classe trabalhadora, teremos poucas chances de enfrentar e vencer a força poderosa de nossos adversários e inimigos.

Cada um de nós tem muita importância como indivíduo, mas é na ação coletiva que repousa toda a energia e o potencial da luta de classe. E não é possível desenvolver um esforço coletivo sem disciplina, cumprimento de tarefas, senso de responsabilidade na apenas sobre a parte que me cabe, mas sobre todo o trabalho em seu conjunto.

Qual luta salarial, mobilização de rua, campanha de sindicalização e qual programa de formação conseguirão levar adiante se os companheiros faltam as reuniões, chegam sempre atrasados, dão desculpas imaginosas, se revelam incapazes de abrir mão de qualquer demanda familiar, jogo do time e até mesmo do boteco de sempre?

DEMOCRACIA

A solidariedade e o compromisso de classe exigem um profundo espírito democrático em nosso método de atuação. Todos sabem o que é ser democrático: é saber ouvir, respeitar opiniões diferentes entre os companheiros, mesmo aquelas que nos parecem abobrinha. É saber dialogar e incorporar argumentos diferentes, garantindo um empenho de pluralidade, indispensável quando buscamos unidade e o engajamento de amplos contingentes de trabalhadores.

É natural que tenhamos maior afinidade pessoal com determinados companheiros, com quem sempre preferimos sentar durante as refeições, biritar ou trocar ideias. E há outros por quem guardamos alguma antipatia. Mas é indispensável que em nossa luta sindical saibamos distinguir bem o que é pessoal e o que não é, tratarmos como adversários aqueles que podem ser companheiros tão sérios e responsáveis como nós, embora as caracterís-

ticas individuais dele e minha não favoreçam uma aproximação maior.

O autoritarismo que caracteriza a dominação capitalista invade a luta dos trabalhadores e todos nós conhecemos companheiros que preferem ganhar no grito.

Acostumados, no local de trabalho, em casa, na escola, na vida, a conviver com pessoas que se comportam como donos da verdade, muitos de nós incorporamos esse estilo e acabamos fazendo um trabalho sindical que o pessoal da base acha semelhante à dominação exercida pela própria empresa.

Levando em consideração que a ligação com a base é um princípio fundamental de nosso sindicalismo, esse comportamento antidemocrático se revela bastante nocivo. Sendo a solidariedade um componente fundamental de nossa luta e sendo a consciência humana extremamente rica na diversidade de ideias e percepção, é só através de um profundo espírito democrático nas discussões e nas atividades práticas que se garante ampla participação e unidade entre companheiros que, inevitavelmente, não tem exatamente a mesma ideia a respeito dos encaminhamentos a serem adotados.

A própria questão da linguagem aparece então como um nó do relacionamento entre militantes e a base. O uso

de um palavreado altamente politizado, cheio de chavões e gíria de esquerda, de difícil tradução por companheiros menos escolarizados já é uma espécie de lesão a esse compromisso com a democracia.

Faz parte do método democrático a exigência de que os companheiros eventualmente em minoria acatem as decisões tomadas por maioria. Esse é o tópico mais central na ideia democrática. Sem isso não existe unidade de ação e nenhuma luta vitoriosa se torna possível. Mas democracia não é só isso. É assegurar, também, determinados direitos das minorias, tanto com vistas a nos vacinarmos contra o perigo de uma “ditadura da maioria”, quanto no sentido de que a história está cheia de episódios em que pessoas em minoria num dado momento foram reconhecidas mais tarde como quem estava com a razão.

Daí a necessidade de sabermos respeitar quem pensa diferente, trabalhando, através do diálogo permanente, para incorporá-los plenamente às atividades, ao mesmo tempo em que nosso esforço para convencê-lo só é coerente quando nos colocamos em aberto para sermos também convencidos. É preciso dar um basta nesse comportamento de nem prestar atenção no que alguém está dizendo, porque já conheço essa pessoa e imagino que já sei o que ele vai dizer.

HONESTIDADE

Poderíamos escolher outro tempo para este quarto bloco de qualidades desejáveis no militante e no dirigente sindical. Poderia ser fraqueza, sinceridade, respeito pela verdade, lealdade e muitos outros. O que queremos abordar neste bloco é a importância de evitar na luta sindical, o comportamento oportunista de quem atropela esse tipo de regra, sem nenhuma ética de conduta com o falso pretexto de estar fazendo isso para “garantir a posição correta”. Então neste caso entramos na velha controvérsia da relação entre os fins e os meios, sobre a qual tanto já se escreveu e falou.

É fundamental que em nossa luta nos pautemos pela verdade, pela estrita observância dos fatos tais quais eles são, e não tais quais gostaríamos que fossem. Fins e meios se relacionam de tal modo que se adotam meios fraudulentos para buscar seus fins, eles correm alto risco de se contaminarem pela fraude.

A honestidade que se propõe como valor básico no comportamento do militante sindical é derivado da importância atribuído a solidariedade, ao compromisso e ao espírito democrático em nossa ação. Ela exige permanente visão autocrítica e a capacidade de reconhecer as próprias

limitações, erros e falhas, sem medo de que isso seja visto como sinal de fraqueza ou prejuízo para as ideias defendidas. É muito comum aparecer em nossas discussões sobre esse assunto a palavra humildade, entendida aqui sem qualquer sentido de servidão. Humildade significa ter consciência de que todos nós temos limitações e de que, no sindicato, como numa orquestra, o que conta é o conjunto. Mais ainda: significa ter consciência de que estamos interessados em aprender sempre, elevar a qualidade de nossa atuação, através da elevação da qualidade do nosso preparo.

Qual sociedade nova poderemos construir, se não somos capazes de reconhecer falhas, se aproveitamos nossa condição de dirigente sindical para auferir pequenos (ou grandes) privilégios na empresa, se reproduzimos em nosso comportamento o mesmo padrão disseminado pelo sistema vigente de dominação?

OUTRAS QUALIDADES

Todos conhecem a frase do Che sobre a importância de sermos duros em nossa luta sem perder a ternura. No mesmo capítulo da ternura podemos acrescentar outros elementos semelhantes como a afetividade, a capacidade de sermos realmente amigos de nossos companheiros de luta, de evitar um astral mal humorado e um nervosismo

histórico que transforma algumas atividades políticas num verdadeiro duelo de raiva.

Quem se dispõe a enfrentar aos duros obstáculos que temos a nossa frente precisa temperar-se com boas doses de serenidade, objetividade, clareza e lucidez de raciocínio, capacidade constante de pensar e manter o sangue frio para agir, mesmo quando a tarefa demanda calos e paixão. Essa característica do militante e do dirigente sindical é que lhe permite desenvolver um dinamismo criativo, que rejeita a inércia e o burocratismo de fazer tudo sempre igual, sem mudar nada, por insensibilidade quanto as mudanças que ocorrem constantemente no cenário político do país, ou no conjunto de nossa categoria, ou no comportamento das pessoas de nossa base.

Daí a importância de nossa qualificação permanente, não apenas no sentido de nosso aperfeiçoamento profissional, educacional e cultural – sempre desejáveis – mas, sobretudo de nossa auto capacitação como militantes e dirigentes sindicais, com vistas a assegurar um trabalho de qualidade e eficácia cada vez mais desenvolvido.

Visão ampla, lucidez e clareza de raciocínio não se adquirem nos livros e sim na vivencia que supera dificuldades e constroem valores novos Mas os livros e todos os tipos de

veículos do Conhecimento, sobretudo os que assimilamos através de discussão em grupo, centradas na reflexão diante de nossa própria experiência, podem representar uma inestimável ajuda nessa direção.

MÍSTICA

Nossa luta se compõe de fatores extremamente racionais, como a questão dos salários e da produção das empresas, a defesa do emprego, a conjuntura econômica, política e social de nosso país, nossos objetivos e nosso programa político de longo prazo. Mas nenhuma luta se sustenta apenas a partir do elemento racional. O emocional, os elementos que tocam profundamente em nosso psiquismo e nas imagens de nossa mente, muitas vezes acelerando o coração, esquentando o sangue, também precisam ser levados em conta no encaminhamento de nossa luta. A esse conjunto de elementos que ultrapassam a mera racionalidade costumamos abordar como mística, palavra que tem relação com as dimensões espirituais de nossa vida.

A mística da militância é calcada em valores como a generosidade, o desprendimento, o espírito de sacrifício, a austeridade, o ascetismo, a capacidade de abrir mão de interesses individuais, em função dos objetivos da luta. Particularmente nas conjunturas ditatoriais, que nosso país já viveu

tantas vezes, com perseguições, prisões, torturas e mortes, esses elementos passam a ter uma importância enorme, valendo como uma espécie de cimento que une todos os militantes num sentido de elevação ideológica que multiplica a capacidade de resistência e de luta. E mesmo em períodos menos repressivos, como agora, essa mística permanece tendo importância.

Mas é sempre bom lembrar que esses aspectos da militância não podem ser levados até o nível do exagero que introduz marcas do fanatismo ou daquele tipo de religiosidade que é próprio das seitas, levando nossa luta por um mundo justo e livre a ser vista por alguns como se nós gostássemos do sacrifício. É como se a militância representasse um rompimento com as nossas legítimas necessidades de alegria, de felicidade e de prazer. Nossa luta foi e sempre será por melhor salário para podermos obter mais qualidade de vida e em consequência a saúde do trabalhador.

O DIRIGENTE – Valores, postura e poder

O local de trabalho, por mais que não queiramos, exerce uma forte influência ideológica sobre o trabalhador. Na empresa tradicional não existe democracia: as decisões são tomadas de cima para baixo, segundo um organograma. O poder jamais é dividido, mas delegado aos níveis menores.

O instrumento que leva a ações é a burocracia. O poder, em todos os níveis, tem que ser acatado e junto a ele há uma aparência – sinais exteriores claros – que se corporifica no acesso e uso de uma máquina organizacional: assessores, secretárias, computadores, salas especiais, veículos, etc. Percebe-se o poder associado a pessoa, através do maior ou menor acesso dela a essa máquina. Ao trabalhador impotente, no local de trabalho, é colocado que, subir na vida, ter sucesso significa ter acesso a esse poder expresso através desses sinais exteriores. Também o poder, exercido pelos políticos tradicionais, ostenta esses mesmos sinais.

O dirigente sindical é eleito e possui um mandato. Se o seu nível de consciência e fidelidade aos valores da classe não for suficientemente bom, ao ter acesso ao equipamento administrativo do sindicato, poderá pegar gosto pelas aparências de poder e amesquinhando-se, se apegar demais a máquina. Isso não é incomum, mesmo no nosso sindicato. Inconfessável frente aos valores alardeados de democracia, essa atitude é geralmente escamoteada.

No quadro abaixo, comparamos as atitudes que consideramos negativas no “velho” dirigente, com aquelas que queremos no “novo” dirigente.

Velho dirigente	Novo dirigente
Acredita que usara melhor o poder que os outros	Decide em grupo, de preferência por consenso. Sabe que o poder, para servir a classe, deve ser dividido.
Faz conchavos, Exibe uma postura formal democrática, mas já combinou tudo antes e sabe, de antemão, o resultado.	Tem a democracia como valor. Aceita os resultados adversos, como alerta e estímulo.
Tem opinião formada: titubear é sinal de fraqueza.	Reconhece seus erros e não tem medo de mudar de opinião.
Comparece a palestras sobretudo de gente “cobra” e renomada. Anota frases de efeito e conclusões brilhantes.	Decide em grupo, de preferência por consenso. Sabe que o poder, para servir a classe, deve ser dividido.
Acredita que usara melhor o poder que os outros	Decide em grupo, de preferência por consenso. Sabe que o poder, para servir a classe, deve ser dividido.
Faz conchavos, Exibe uma postura formal democrática, mas já combinou tudo antes e sabe, de antemão, o resultado.	Tem a democracia como valor. Aceita os resultados adversos, como alerta e estímulo.
Tem opinião formada: titubear é sinal de fraqueza.	Reconhece seus erros e não tem medo de mudar de opinião.
Comparece a palestras sobretudo de gente “cobra” e renomada. Anota frases de efeito e conclusões brilhantes.	Sabe que o verdadeiro aprendizado se dá em grupos de reflexão onde compartilha. Não abre mão de sua auto formação.
Não é louco de promover o crescimento de seus liderados. Aprendeu e nunca se esquece de que “quem fortalece o outro, aniquila-se a si mesmo”.	Sabe que o seu crescimento depende também do crescimento dos outros. Desenvolve sua auto formação e incentiva os outros a fazer o mesmo. O poder que lhe interessa é o de sua classe e não o seu individualmente.

Disputa o microfone. Sabe que a comunicação é poder.	Ouve atentamente antes de falar. Prefere a Análise crítica do que a comunicação autoritária.
Espera para fazer as críticas quando está a sós com seus liderados. Na presença dos colegas finge consenso.	Expõe todas as suas dúvidas e críticas. Após decisão do grupo, defende a posição tomada, mesmo que não coincida integralmente com a sua.
Gosta de análises de conjuntura feita por gente famosa. Anota tudo com cuidado e usa para mostrar que está atualizado, principalmente na presença de liderados menos preparados.	Lê diariamente jornais e artigos. Debate com colegas ouve suas opiniões; faz e refaz sua própria análise de conjuntura.
Mantém a agenda cheia de compromissos, aos quais raramente comparece. Não perde as reuniões com grande número de pessoas e que dão mais “visibilidade”. Diz sempre que está ocupado, por isso não pode assumir novos compromissos.	Concentra a sua militância em algumas atividades e dá conta delas. Não se satisfaz com superficialidades.
Repete constantemente frases de “ídeos”. Não tem tempo para estudar: diz que o interesse é a prática.	Sabe que a teoria sem a prática é verborragia e que prática sem teoria é ativismo estéril. Elabora o que pratica e pratica o que reflete.
Precisa de um mandato para ter poder.	Presta serviços relevantes para classe por isso é respeitado e considerado por todos.

Referências

AZEVEDO, Luiz; MOTTA, Nelson Brum; PASQUALOTO, Derci. Curso de Formação Dirigentes de Base em Transformação no Mundo do Trabalho. Projeto Alicerce. Florianópolis: Gráfica da CUT-SC, 2000.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo. Disponível em: www.direitoshumanos.usp.br. Acesso em: 24/02/2014.

FREIRE, Paulo. A Educação como Prática da Liberdade. 23ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

WEBER, Terezinha. Passando a Vida. Poesia. Florianópolis, 29.10.2008, manuscrito.

_____. Classe Unida. Poesia. Florianópolis, 11.02.2014, manuscrito.

_____. Sempre Alerta. Poesia. Florianópolis, 15.02.2014a, manuscrito.

_____. Amigos. Poesia. Florianópolis, 15.02.2014b, manuscrito.

_____. Novo Rumo. Poesia. Florianópolis, 15.02.2014c, manuscrito.

